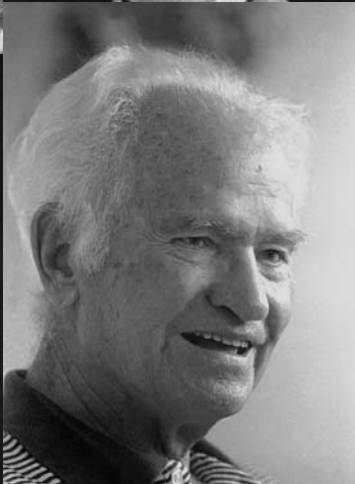
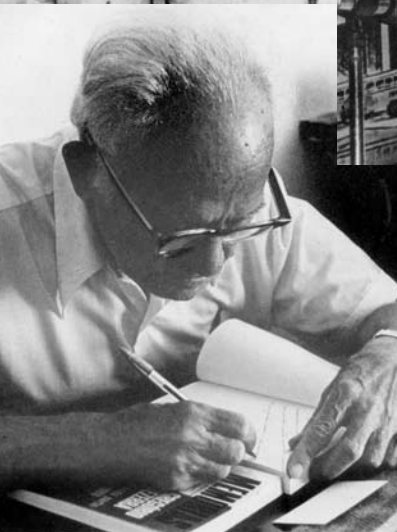
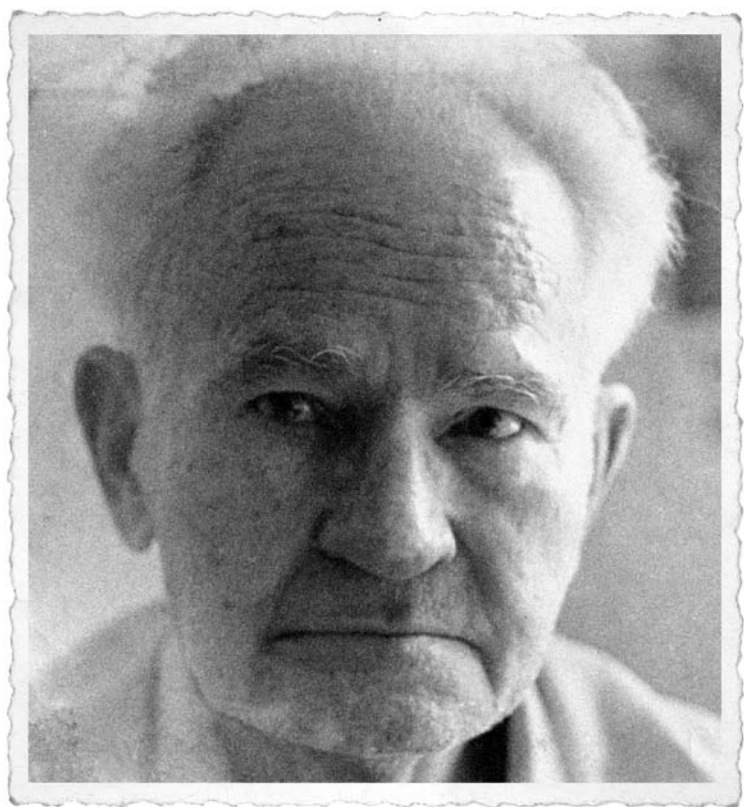




NOTA DA EDIÇÃO ELETRÔNICA

Para aprimorar a experiência da leitura digital, optamos por extrair desta versão eletrônica as páginas em branco que intercalavam os capítulos, índices etc. na versão impressa do livro. Por este motivo, é possível que o leitor perceba saltos na numeração das páginas. O conteúdo original do livro se mantém integralmente reproduzido.

MEMÓRIAS



Gregório Lourenço Bozina

GREGÓRIO BEZERRA

M E M Ó R I A S

Copyright © Boitempo Editorial, 2011
Copyright © Jurandir Bezerra, 1979, 2011

Coordenação editorial

Ivana Jinkings

Editora-adjunta

Bibiana Leme

Assistência editorial

Livia Campos

Preparação

Mariana Echalar e Pedro Paulo da Silva

Revisão

Thais Nicoleti

Capa e diagramação

Antonio Kehl

sobre fotografia de Gregório Bezerra, preso no pátio do Quartel
de Motomecanização em Casa Forte, Recife (abril de 1964)

Produção

Ana Lotufo Valverde

Impressão e acabamento

Gráfica Ideal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B469m

Bezerra, Gregório, 1900-1983

Memórias / Gregório Bezerra ; [apresentação Anita Leocádia Prestes]. - Ed. ampl. e atualizada. - São Paulo : Boitempo, 2011.
il., retrs.

Anexos

ISBN 978-85-7559-160-4

1. Bezerra, Gregório, 1900-1983. 2. Políticos - Brasil - Biografia.
I. Título.

10-1256.

CDD: 923.281

CDU: 929:32(81)

23.03.10 31.03.10

018251

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do novo acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: julho de 2011
Tiragem de 5.000 exemplares

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br

SUMÁRIO

NOTA DA EDITORA.....	9
APRESENTAÇÃO – <i>Anita Prestes</i>	11
PRIMEIRA PARTE – 1900-1945.....	15
SEGUNDA PARTE – 1946-1969	353
EPÍLOGO	587
CRONOLOGIA	609
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	613
ANEXOS	621
Integridade e grandeza – <i>Florestan Fernandes</i>	623
Homenagem a Gregório – <i>Eduardo Campos</i>	626
História de um valente – <i>Ferreira Gullar</i>	628
Em louvor a Gregório – <i>Francisco Julião</i>	633
Alegações finais em favor de Gregório Lourenço Bezerra – <i>Mércia Albuquerque</i>	634
Cartas de Gregório Bezerra à advogada Mércia Albuquerque.....	638
Mensagem de Gregório Bezerra aos camponeses	641
Depoimentos	643
CRÉDITOS DAS IMAGENS	647



Imagem usada nas camisetas da campanha a deputado federal de Gregório (1982) e quando de seu falecimento.

NOTA DA EDITORA

Mais de trinta anos após sua primeira edição, em 1979, a Boitempo recupera e publica esta obra magistral de Gregório Bezerra, na qual a memória do autor se confunde com a do povo brasileiro: biografia pessoal e história coletiva num relato de inestimável valor documental e literário que retrata o país pelo qual ele lutou.

Em 1983, o Brasil perdeu este grande revolucionário. Para sorte dos que estavam por vir, porém, ele deixou estas *Memórias* repletas de verdades e esperanças. Gregório não foi um homem de letras, mas um observador sensível e um brilhante contador de histórias. Suas páginas são narradas sem afetação ou hipocrisia. Depoimentos de um homem que conheceu a fundo a terra em que viveu e trabalhou.

Esta edição vem acrescida de fotografias, artigos, depoimentos, poemas, cartas e documentos diversos. Para facilitar a inserção do leitor na história, um índice onomástico e uma cronologia resumida complementam o volume. Afora essas inclusões, as modificações em relação à primeira edição são poucas, apenas para adequar a escrita às normas da língua portuguesa. Respeitosamente, optou-se por publicar o texto integral do autor: mesmo que às vezes algumas passagens já não se justifiquem nos dias que correm, é preciso lembrar que Gregório é um homem do seu tempo.

A Boitempo agradece as contribuições de Roberto Arrais – que esteve ao lado de Gregório desde seu retorno ao Brasil até sua morte e nos ajudou em todo o processo editorial –, Anita Prestes, Roberto Monte, Ivan Pinheiro, Anibal Valença, José Roberto Faria de Souza Cavalcanti, Ferreira Gullar, Carlos Latuff, Heloisa Fernandes, Zoia Prestes, Marília Guimarães, Aluísio Matias dos Santos, Urariano Motta; e, muito especialmente, agradece a Jurandir Bezerra, filho de Gregório, que conservou a memória de seu pai e nos permitiu dar forma ao sonho de trazer

novamente a público esta obra fundamental para a história do país. A editora será grata também aos leitores que souberem e puderem enviar informações a respeito de pessoas que aparecem ainda sem identificação nas fotos e/ou no índice onomástico; apesar do esforço para localizar todos os personagens citados por Gregório, nem sempre isso foi possível.

Desde a primeira edição das *Memórias* de Gregório Bezerra, muitas reviravoltas ocorreram no Brasil, porém o maior desejo do autor continua atual: ainda é preciso que se construa um país justo, onde os cidadãos tenham direitos iguais, a terra seja de todos, o trabalho dignifique e as crianças sejam alimentadas com pão e liberdade.

Junho de 2011

APRESENTAÇÃO

É com profunda emoção que escrevo esta apresentação do livro de memórias de Gregório Bezerra. Quando penso em Gregório, vejo diante de mim o povo brasileiro, os milhões de homens, mulheres e crianças do nosso país, maltratados e sofridos durante séculos de exploração e opressão.

Gregório é a legítima expressão desse povo, no que ele tem de mais autêntico e verdadeiro. É a genuína personificação dos explorados e oprimidos da nossa terra – jamais dos poderosos, dos exploradores. Estes sempre lhe dedicaram um indisfarçável ódio de classe, ódio dos opressores, conscientes do perigo, para os interesses dominantes, das “ideias subversivas” difundidas por homens como ele. Na grande trincheira da luta de classes, Gregório sempre esteve do lado dos trabalhadores, dos desvalidos e dos oprimidos. Justamente por isso suportou constantes perseguições policiais, atrozes torturas e um total de 23 anos de cárcere em diversos presídios do Brasil. Teve de suportar a feroz campanha que os meios de comunicação a serviço dos interesses dominantes sempre moveram contra ele e contra os comunistas.

Conheci Gregório há muitos anos. Em 1946, eu tinha apenas nove anos de idade quando ele, eleito deputado federal por Pernambuco na legenda do Partido Comunista do Brasil (PCB), foi morar conosco, na casa de meu pai, Luiz Carlos Prestes. O partido havia conquistado a legalidade e elegera para a Assembleia Nacional Constituinte uma bancada comunista composta de um senador, Luiz Carlos Prestes, e catorze deputados, entre os quais Gregório Bezerra. Em nossa casa, além da família, moravam vários camaradas do PCB.

Gregório destacava-se, dentre todos, pela dedicação ao partido e à causa revolucionária que abraçara ainda jovem, mas sobretudo pelo humanismo que irradiava de sua pessoa. Ele sabia compreender os problemas de todos que

o cercavam e relacionar-se bem e de maneira afetuosa tanto com as crianças quanto com os idosos, com pessoas importantes ou humildes, com homens ou mulheres. Gregório não incomodava; ao contrário, sempre ajudou em nossa casa e era capaz de manter permanentemente um convívio agradável com todos que o rodeavam. Lembro como minhas tias observavam que, de tantos companheiros que passaram por nossa casa, nenhum deixara tão boas lembranças e tantas saudades quanto ele.

Se Gregório sabia conversar com os adultos, também o sabia com as crianças, como era meu caso. Eis a razão por que guardo gratas lembranças dessa convivência que durou apenas dois anos, pois em 1948, após o fechamento do PCB pelo governo Dutra e a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, ele foi sequestrado em pleno centro do Rio de Janeiro e levado clandestinamente para a Paraíba, onde, por meio de grosseira provocação policial, seria acusado de incendiar um quartel.

Mais tarde, eu já adulta, nossos caminhos, os meus e os dele, cruzaram-se algumas vezes na vida partidária. Foram, entretanto, encontros fugazes. Mas Gregório continuava sendo o mesmo companheiro atencioso, afável, amigo. Sempre acompanhei sua trajetória de dedicado militante comunista nos mais diversos pontos do país para onde o partido o enviava, seja na legalidade, seja na clandestinidade.

Foi com horror e indignação – como tantos outros brasileiros e também democratas de todo o mundo – que tomei conhecimento de sua prisão em Pernambuco, após o golpe militar de abril de 1964, e das bárbaras torturas a que fora submetido. Sua foto sendo arrastado seminu pelas ruas de Recife chocou a todos. Mas Gregório resistiu, apesar de já contar então com 64 anos de idade. Naquela ocasião, foi condenado a 19 anos de detenção.

Mas então, em setembro de 1969, teve lugar no Rio de Janeiro o sequestro do embaixador norte-americano, promovido por organizações da esquerda armada. Em troca da vida do embaixador, os dirigentes desses grupos exigiram a libertação de quinze prisioneiros políticos que deveriam ser enviados para o exterior – entre eles estava o nome de Gregório Bezerra. Embora discordando desse tipo de ação, ele aceitou a libertação, divulgando, ao mesmo tempo, uma “Declaração ao povo brasileiro”, na qual explicava suas razões. Dizia então:

Por uma questão de princípio, devo esclarecer que, embora aceite a libertação nessas circunstâncias, discordo das ações isoladas, que nada adiantarão para o desenvolvimento do processo revolucionário e somente servirão de pretexto para agravar ainda mais a vida do povo brasileiro e de motivação para maiores crimes contra os patriotas.

E adiante acrescentava:

Não quero que, nesta hora, minha atitude ponha em risco a vida dos demais presos políticos a serem libertados. Nem desejo, como humanista que sou, o sacrifício desnecessário de qualquer indivíduo, ainda que seja o embaixador da maior potência imperialista de toda a história. Luto, por princípio, contra sistemas de força. Não luto contra pessoas, individualmente. Só acredito na violência das massas contra a violência da reação.

É uma declaração reveladora da personalidade de Gregório Bezerra: militante comunista dedicado e consequente, de firmeza inabalável na defesa de suas convicções revolucionárias e, por isso mesmo, insigne humanista.

Reencontrei Gregório em Moscou, em 1973, onde ambos estivemos exilados, juntamente com outros compatriotas. Embora fisicamente alquebrado, como consequência das torturas a que fora submetido nos cárceres da ditadura militar, ele mantinha intacta a postura de profunda dignidade humana e as convicções de revolucionário comunista que sempre marcaram sua personalidade.

Forçado a viver no exílio, mesmo cercado do respeito, da admiração e do carinho dos companheiros soviéticos, assim como de exilados brasileiros e de outros países que então residiam na União Soviética, Gregório tinha seu pensamento permanentemente voltado para o Brasil. Sua maior aspiração era regressar à pátria e poder continuar lutando pelos ideais revolucionários a que dedicara toda sua vida.

Foram dez anos de exílio, até a conquista da anistia no Brasil, em agosto de 1979. Gregório seria um dos primeiros a regressar à terra natal, onde foi recebido com entusiasmo e carinho pelos trabalhadores, companheiros e amigos.

Durante os anos de exílio, Gregório, assim como Prestes, não deixou de contribuir para a luta pela anistia em nosso país. Viajou por diferentes países denunciando os crimes da ditadura militar. Com seu prestígio, tratou de mobilizar os mais diversos setores da opinião pública mundial em campanhas de solidariedade aos presos e perseguidos políticos no Brasil. Participou de congressos, conferências, seminários e entrevistas, sempre empenhado na luta pela democracia, contra o fascismo e por um futuro socialista para toda a humanidade, pois ele era também um militante internacionalista, para quem a luta do nosso povo não poderia jamais estar dissociada da luta dos trabalhadores do mundo inteiro.

Ao mesmo tempo, dedicou-se nesses anos a escrever suas *Memórias*, cuja nova edição em boa hora nos é proporcionada pela editora Boitempo. Sou testemunha de que Gregório escreveu seu livro sozinho e à mão. Companheiros residentes em Moscou naquela época se revezavam na datilografia das páginas já redigidas por nosso talentoso autor.

Gregório soube produzir um relato de sua vida, em linguagem simples e direta, sem qualquer afetação literária. Descreveu a vida de um camponês nordestino miserável, que se transformou em operário e soldado e, nesse processo, ingressou no Partido Comunista. Um militante que dedicou sua vida aos ideais comunistas, arcando com todas as consequências de tal escolha, sem jamais perder as características de grande figura humana.

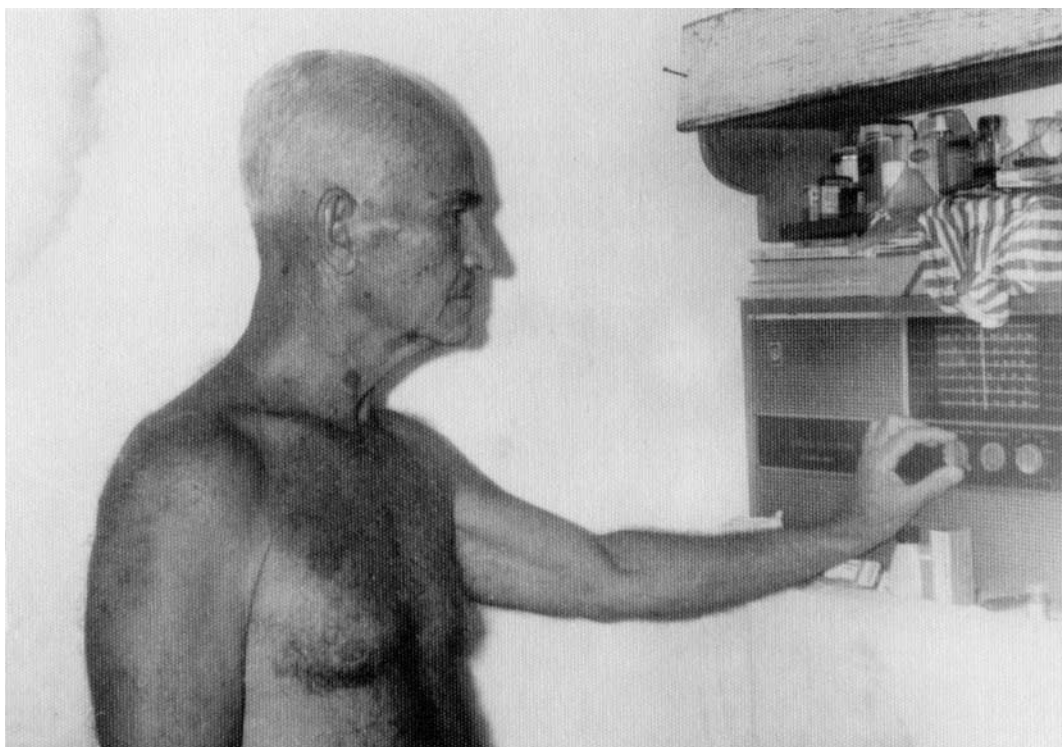
Sou também testemunha do espírito de solidariedade e de companheirismo de Gregório durante aqueles difíceis anos de exílio, quando muitos companheiros entravam em desespero ou perdiam a perspectiva revolucionária. Gregório animava a todos que o procuravam, encorajava a quem estava abatido ou angustiado. Mostrava-se solidário com aqueles que precisavam de uma palavra ou de um gesto de amizade e de carinho. Seu apartamento em Moscou era um recanto aconchegante, onde se podia saborear algum prato da cozinha brasileira, por ele muito bem preparado, e de onde se saía reconfortado e confiante num futuro melhor. Gregório era um otimista e infundia otimismo em todos que o procuravam, incluindo os jovens brasileiros que estudavam na URSS. Aos jovens, ele se esforçava por transmitir sua experiência e seus conhecimentos do Brasil para que, quando regressassem à pátria, estivessem preparados para enfrentar o futuro.

A trajetória de vida de Gregório Bezerra é exemplar e deve servir de inspiração para os jovens de hoje, para aqueles que estão empenhados na realização de transformações profundas em nosso país que abram caminho para um futuro de justiça social e liberdade para todos os brasileiros. Futuro que, como nos ensina Gregório Bezerra, da mesma maneira que José Carlos Mariátegui, Fidel Castro, Che Guevara, Luiz Carlos Prestes e tantos outros revolucionários latino-americanos, só poderá ser alcançado com a revolução socialista. Gregório foi um comunista que jamais se dobrou diante das dificuldades e soube “endurecer sem jamais perder a ternura”, na feliz expressão cunhada por Ernesto Guevara.

Esperamos que a publicação desta nova edição das *Memórias* de Gregório Bezerra pela Boitempo constitua um estímulo à formação de jovens revolucionários em nosso país e em nosso sofrido continente latino-americano.

Anita Leocadia Prestes
Rio de Janeiro, março de 2010

PRIMEIRA PARTE
1900-1945



Gregório Bezerra na Casa de Detenção do Recife, no fim da década de 1960.

Segundo minha avó e minha mãe, nasci em 13 de março de 1900, num sítio chamado Mocóis, no município de Panelas de Miranda, Estado de Pernambuco. Filho de camponês paupérrimo e analfabeto. Foi um ano seco, de muita fome e muita sede, que matou o nosso reduzido rebanho de carneiros e cabras, esturricou a nossa lavoura e quase nos matou de fome e de sede. Centenas de retirantes morriam pelas estradas afora, em busca de algo para comer e água para beber. Era um flagelo triste e pavoroso.

Meus pais e meus irmãos mais velhos, que haviam perdido a safra anterior, perambulavam nas terras secas da caatinga em busca de trabalho para amenizar a crítica situação da família.

Fui, assim, uma criança gerada com fome no ventre materno. Sim, porque minha mãe passava fome, e eu só podia nutrir-me de suas entranhas enfraquecidas. Nasci faminto e faminto fui vegetando e crescendo ao léu da sorte. Não havia leite, nem materno nem de gado. Como alimento, minha mãe empurrava-me pela boca um pouco de mingau de farinha de mandioca com rapadura. Desgraçadamente, meu estômago repelia-o todo. Berrava de fome. Minhas irmãs, ora uma, ora outra, punham o dedo médio em minha boca, só para me enganar. Eu chupava os dedos mas não adiantava, nem podia adiantar. Minutos depois eu recomeçava a chorar. Isso porque sentia, segundo minha avó, “uma coisa ruim roendo o meu estômago”. O que me salvou, ainda segundo minha avó e minha mãe, foi o leite materno de uma tia e madrinha que tirava de seu filho um pouco para mim. Mas não todos os dias. Na verdade, sempre fui uma criança desnutrida, raquítica, anêmica e retardada fisicamente até os quinze anos de idade!

De 1902 a 1903, melhorou muito a situação, graças aos invernos regulares desses anos. Saímos do cruel flagelo da seca e da fome. Já tínhamos feijão, milho

e fava para comer e algumas frutas: mamão, banana, abacaxi etc. Tiramos a barriga da miséria! Água boa e abundante para beber e lavar e tudo! Voltou a alegria na família. Éramos felizes. Já não precisávamos transportar água podre, barrenta e salobra de uma distância de 36 quilômetros (contando ida e volta). Água que azedava o estômago e arruinava o fígado de todos quantos a bebiam.

O meu jardim de infância foi o trabalho na preparação de roçados. Em 1904, ao completar quatro anos de idade, disse-me minha mãe:

– Meu fiinho, tu intera hoje quatro aninhos. Já tá um home. Bom de trabaio. Manhã tu vai trabaia cum nói, limpá mato no roçado.

Meu pai colocou um cabo numa enxada velha, gasta pelo trabalho e pelo tempo, e fez o mesmo com um cacareco de foice e disse:

– São teus. Toma conta e zela. Damanhá diante, tu vai aprendê a trabaia cum nói em tudo.

Foi a minha “escola” durante os primeiros anos de vida. E foi uma excelente escola.

Em 1905, novamente acoissada pelo flagelo da seca, minha família migrou para a zona da mata, no Estado de Pernambuco, para a zona canavieira. Foi morar num sítio de um casal de tios. Eu fiquei com minha avó. Chorei muito. Queria seguir com meus pais. Não queria afastar-me de minha mãe. Tinha-lhe verdadeira adoração. Gostava muito dela, apesar das palmadas e dos castigos que vez por outra me dava. Sua voz sonora e doce, seus olhos grandes, azuis e meigos, por vezes tristes, eram verdadeiros encantos para mim. Amava minha mãe acima de tudo. Não gostava de minha avó. Como todas as velhas, era importuna. Apesar disso, tinha o coração de ouro.

Planejei fugir na véspera da partida para incorporar-me à caravana no caminho. Confiei meu plano de fuga a um irmão, a quem tudo confiava. Este, porém, denunciou-me. Minha mãe me chamou e, ao invés de palmadas, como eu esperava, deu-me beijos. Foi tudo, ganhou-me. Aconselhou-me a ficar, dizendo que minha dindinha precisava de uma companhia, que meus tios nem sempre estavam em casa, e ela não podia ficar só. Que eu fosse bonzinho para ela. Olhou para mim muito comovida e, quase chorando, deu-me um beijo. Passou a mão em meus cabelos e se foi. E com ela todo o meu plano de fuga! Mesmo assim, não confiou em mim. Na véspera da partida, fui passar dois dias na casa de minha madrinha e, quando voltei, só encontrei minha avó. Chorei muito, mas era um fato consumado. Fiquei muito triste, sem ter irmãos para brincar. Foi uma solidão angustiada. Minha avó passou a aconselhar-me e a conversar comigo, o que nunca havia feito. Aos poucos, fui me habituando e, semanas depois, era amigo de minha avó, colaborando em tudo que me era possível fazer. Ela me dedicou uma maravilhosa amizade.

Passarinho era o nome de um cavalo castanho, esguio, bonito e possante, de propriedade do tio Evaristo. Era manso e brincalhão! Driblava-me constantemente.

Eu, nessa época, montava em carneiro, cabra, boi, porco e até em cachorro. Quando meu tio Evaristo encarregou-me de dar água ao seu cavalo, corri e pulei de alegria. Jamais em minha vida de criança tive tanta alegria e entusiasmo no cumprimento de uma tarefa. Todos os dias, ao meio-dia, eu tinha que dar água ao animal, isto é, levá-lo aos barreiros ou caldeirões para beber. Quanto mais longe iam ficando as fontes d'água, mais eu gostava. Era mais tempo que ficava correndo, escanchado no dorso do animal. Essa alegria, por vezes, era frustrada. O animal era manso, não mordia, não dava coice nem me pisava mesmo que eu caísse e, se caísse, ele ficava parado à minha espera. Mas havia dias em que ele brincava de amigo da onça. Deixava que eu me aproximasse dele e, quando eu jogava o cabresto em seu pescoço, pulava de lado, soltava peidos e saía correndo com toda velocidade. Aí, era grande o trabalho para fazê-lo parar. Quando conseguia algum milho, debulhava-o, balançava-o numa cuia ou num prato, e ele vinha chegando devagarinho, até reconhecer que era milho de verdade. (Isso porque uma vez eu o enganei com uns caroços de favas.) Mesmo assim, só parava se estivesse com muita fome, sede ou cansaço. A ordem de meu tio era soltá-lo apeado, mas eu tinha pena dele e confiava em sua obediência e mansidão. Ao pôr-lhe o cabresto, ele mesmo facilitava, baixando a cabeça. Daí por diante, fazia dele tudo quanto queria. Eu cuidava muito dele. Raspava-o, penteava suas crinas, escovava seu pescoço e fazia-lhe carinhos. E sempre arranjava alguns ramos ou palhas secas de milho para ele comer. Muitas vezes, eu andava duas ou três léguas em busca de alguma coisa para alimentá-lo, visto que o cercado onde ele pastava não tinha mais nada para ele comer. Aos poucos, habituou-se comigo e eu com ele. Éramos amigos, e bons amigos. Estivesse ele onde estivesse, bastava gritar-lhe o nome Passarinho, ele relinchava e vinha apresentar-se. Éramos amigos de verdade. Eu lhe tinha uma grande amizade. Ele retribuía-me com sua obediente mansidão. Já que eu nada tinha a fazer, passava o dia todo com ele, procurando algo para que comesse, e só voltava quando ele comia e bebia.

Um dia, descobri um pasto num sítio distante de casa. Isso porque, indo à feira com meu tio, notei que entre dois morros, não muito longe, havia uma mancha verde. Disse a meu tio:

– Ali tem pasto para o cavalo! O senhor deixa eu ver?

– Não, aquilo não é nosso, não! Nós só pode meter o focinho naquilo que é da gente!

Eu não respondi, mas disse com meus botões “amanhã eu venho só, e o cavalo vai comer!”.

De fato, amanheceu o dia, tomei bênção à vovó e saí com o cabresto na mão. Ela me perguntou:

– Aonde vai, Grilo?

“Grilo” era o meu apelido, porque era muito magro e tinha as pernas muito finas, mas corria e pulava demais. À pergunta de minha avó respondi que ia arranjar

água e comida para o cavalo, que não havia comido nem bebido no dia anterior. Ela consentiu, sabendo da minha dedicação ao animal.

Saí, peguei o cavalo e fui direto à mancha verde. O terreno não era cercado, o que me alegrou muito. Soltei o cavalo, que baixou a cabeça a comer gulosamente o pasto encontrado e, só de vez em quando, levantava a cabeça para descansar. Eu saí a procurar alguma poça d'água para o animal beber. Não encontrei água nenhuma. Desiludido, voltei pela esquerda do morro. De repente, voaram os passarinhos. Animei-me e disse comigo: “Os pássaros estavam bebendo água”. E fui até o lugar de onde voaram. Era uma rachadura na base de uma grande pedra, da qual minava e corria um fio de água. Fiquei muito alegre, arranjei um pedaço de pau e comecei a limpar a rachadura. Quanto mais eu limpava a rachadura, mais água jorrava, clara, limpa e gostosa. Entusiasmado, ampliei ainda mais a brecha. E, algumas horas depois, já tinha água bastante para o cavalo beber e levar para casa se tivesse uma vasilha. Fiquei eufórico. Descobri água! Em poucos dias, seria o menino mais falado e mais querido daquelas bandas! Isso era o que eu pensava.

O cavalo comia havia muito tempo. O sol declinava e as sombras das árvores com ele. Fui buscar o animal para beber. Estava com a barriga cheia. Bebeu tanta água que tive medo de ele secar a fonte e estourar a barriga. Quis voltar para casa rápido, para dar tão alvissareira notícia. Mas queria ver se a fonte se repunha logo ou demorava a repor-se. Poucos minutos depois estava mais cheia que antes. Era grande o meu contentamento. Pelo menos, tínhamos água para beber.

Montei e parti a toda a velocidade. Minha avó esperava-me. Deu-me um prato de farinha de milho torrado. Comi com muita gulodice. Estava com uma fome devoradora e, por isso, entalei-me. Minha avó deu-me um caneco de água barrenta e fedorenta. Recusei, dizendo que estava com mau gosto. Ela respondeu:

– Dê graças ao bom Deus e à Nossa Siora ainda tê essa pá bebê.

Respondi:

– De hoje em diante, dindinha, nós temos água boa, limpa e gostosa pra beber e dar a quem quiser!

Ela retrucou-me:

– Água limpa e gostosa só quando Deus mandá chuva. Nói tem que bebê essa mema.

Contei-lhe a história da água que tinha descoberto. Ela não acreditou e disse:

– Só acredito vendo.

Convidei-a para ir comigo.

– Hoi não, qui é tade. Amanhã nói vai – respondeu-me.

E advertiu:

– Se tu tá mintino, eu te dô uma duza de bolo de parmatora pra tu num minti mai nunca.

No dia seguinte, saímos muito cedo para ver a fonte maravilhosa. Levamos uma enxada, um ferro de cova e uma lata para trazer água. Levamos também o cavalo.

Ao chegarmos, a velha, vendo a água, entusiasmou-se e começamos a alargar e aprofundar mais e mais o poço. Ela cavando e eu removendo a terra com a enxada. O cavalo comeu, bebeu e descansou, enquanto nós trabalhávamos com muito ardor. Depois, fizemos um cercado rústico em torno da nossa fonte para evitar estragos de possíveis animais.

Mas alegria de pobre dura pouco. Um mês depois, água e pasto haviam evaporado, não só pela seca, que era cada vez mais drástica, mas sobretudo porque o povo soube e para lá correu.

Perigava a nossa situação. Os tios que saíram em busca de trabalho não davam sinal de vida. Não tínhamos mais nada para comer, nem mesmo uma vez por dia. Tio Evaristo pegou o cavalo e levou com ele para cambitar cana na usina Catende. Fiquei só com minha avó, à mercê do tempo. A solidão aumentava a nossa tristeza e a fome. Tínhamos de fazer algo, em busca de alimentos. Eu tinha saudades do cavalo e sonhava, me via montando em seu dorso, correndo pelas estradas, dando-lhe água para beber, soltando-o num pasto cheio de capim e ele a comer gostosamente. Ora era eu tomando um caneco cheio de leite quente e cheiroso, ora comendo um prato cheio de feijão com carne de porco assada na brasa e arroz e tomando uma caneca cheia d'água cristalina. Meus sonhos eram deliciosos! Mas, quando acordava, sentia uma roedeira dolorosa no estômago e começava a chorar. Minha avó levantava-se e aconselhava-me a esquecer a fome. Passava lentamente a mão no meu estômago, dizendo:

– Cum a graça de Deus, a dô vai passá. Pensa em Deus, Grilo, que a fome vai-se imbora.

E começava a contar-me histórias que aprendera com seus pais e avós. Logo depois, a dor no meu estômago era mais violenta. Era uma roedeira cruciante. Eu fazia um esforço grande para não chorar alto, a fim de não acordar minha avó. Mas soluçava. Mais uma vez ela vinha consolar-me. Eu calava porque sabia que ela também sentia fome e não chorava.

Ao amanhecer do dia, saímos em busca de algo para comer. Ora encontrávamos alguns umbus verdes e comíamos, apesar de muito ácidos, ora eram as próprias raízes dos umbuzeiros, ora as frutas de mandacarus, ainda verdosas e babentas, ora os maracujás verdes e azedos. E assim íamos vegetando, comendo o que encontrávamos.

Um dia chegou um tio que morava em um sítio no município de Canhotinho, a mais de 80 quilômetros de distância do nosso. Trouxe-nos um pouco de feijão, sal, farinha de mandioca, quase meia saca de milho, café e algumas rapaduras. Foi um milagre de Deus, dizia minha avó. Imediatamente, ainda na presença de meu tio, dividiu a nossa riqueza com uma família vizinha, muito nossa amiga. Esta família já havia perdido dois filhos menores de cinco anos, mortos pela fome. E

uma filha moça, que não se levantava mais da cama, estrangulada pela fome, estava no mesmo caminho de seus irmãos.

Meu tio voltou no dia seguinte. Tentou nos levar para o seu sítio, ao que minha avó lhe respondeu:

– Vô não, meu fio; num abandono, não, meu sítio. Só quando aquele qui tá ali – apontou para o céu – me levá pra junto dele. Eu tô é pagando os meus pecados, que são muito. Deus sabe o qui fai.

Nunca em minha vida vi um ser humano tão conformado. Meu tio, antes de partir, combinou com minha avó para mandar um portador aos sábados à feira de Jurema para trazer mantimentos para nós.

Um dos filhos da família nossa amiga se ofereceu para ir comigo. Eu aceitei com muita alegria. E, no primeiro sábado, montamos em seu cavalo e fomos a Jurema encontrar o meu tio. Comecei a viver novamente. Já não sentia coisa ruim roendo o meu estômago. Já tinha também um velho cavalo para montar, pelo menos uma vez por semana, muito embora não fosse tão macio e manso como era o meu querido Passarinho. Mas era também ligeiro e forte.

Ao chegar a Jurema, encontramos meu tio, que já nos esperava com sua rica carga de mantimentos e um pouco de comida para, segundo ele, quebrarmos o jejum. A carga era composta de meia saca de farinha de mandioca, meia de feijão, meia de milho, meia de batata-doce.

– Estamos ricos com tanta fartura! – exclamei.

Regressamos. No caminho, o cavalo cansou. Arriamos a carga, tiramos-lhe a cangalha, demos-lhe milho para comer e, no lugar de água, batata-doce. Ele gostou tanto que se babava todo. Depois de um bom descanso, refizemos a carga e partimos. Chegamos em casa um pouco tarde, porém em paz e com a carga maravilhosa perfeita. Minha avó dividiu em partes iguais entre ela e a família de meu amigo e companheiro de viagem. Ficou com a dela, e meu amigo levou para sua casa a outra.

Tudo ia melhorando, menos a seca, que dia a dia era mais cruenta. Minha avó, prevendo o futuro e baseada no passado, estabeleceu o regime de uma só refeição por dia.

– Num sabemo o dia da manhã. Pur isso temo qui economizá. Se cumê tudo hoi, amenhá num temo nada. Hoi nói temo porque Deus se alembro de nós, mai amenhá?

No outro sábado seguimos para Jurema. Meu tio já nos esperava e nos trouxe doze rapaduras, café, meia saca de macaxeira, meia de jerimum e nos comprou duas barras de sabão, um candeeiro e um litro de querosene e também comida para dois e milho para o cavalo. Depois da comida, fizemos a carga, nos despedimos e partimos de volta.

Chegamos cedo. Minha avó nos esperava para o jantar, seguido de um bom café. Depois fez a divisão das coisas entre as duas famílias. Éramos felizes. Tínhamos

comida. Só faltava água, que tínhamos de buscar longe (46 quilômetros de ida e volta). E não era boa nem limpa. O cavalo do meu amigo era a nossa salvação. Três vezes por semana tínhamos que transportar água para as duas famílias.

Fora isso, eu só me preocupava em transportar lenha para casa, tarefa que antes era de minha avó e que eu reivindiquei para mim, pois via que minha dindinha andava bastante cansada. Além dessa tarefa, prevendo futuras chuvas, dediquei-me a cuidar da mangueira, da jabuticabeira, dos cajueiros e dos coqueiros. Não só os limpava por baixo e seus arredores como desagregava a terra em torno dos troncos e ali colocava estrume. Era uma tarefa que fazia com todo o prazer, porque queria, no futuro, comer muitas frutas.

Os domingos eram meus. Usava e abusava deles à mercê de minha vontade. Tinha meus amigos para brincar e passear por onde quiséssemos. Saíamos a andar pelas estradas e campos esturricados da caatinga. Éramos os donos provisórios dos sítios temporariamente abandonados. Tudo seco e calcinado. De verde, somente o xiquexique, os facheiros, os mandacarus, as coroas-de-frade, as macambiras, os gravatás, as maniçobas e os umbuzeiros, sempre dadivosos com seus frutos e suas raízes, para mitigar a fome e a sede dos habitantes teimosos da região, como minha avó, ou dos retirantes torturados pelo flagelo da seca e da fome. E, nos bons tempos das chuvas, para fazer deliciosas umbuzadas com leite de gado, o prato mais famoso e desejado nas caatingas, agrestes e sertões nordestinos.

Uma noite, estávamos dormindo quando fomos despertados por vozes grossas de homens. Bateram à porta e chamaram por minha avó. Eram dois tios que meses antes haviam saído em busca de trabalho. Foi uma grande alegria para todos, principalmente para vovó. Ela fez comida, servida de café. Os tios trouxeram alguns alimentos, o que aumentou o estoque de nossa despensa e nutriu a nossa família por uns dias. Porém o mais importante para mim foi a notícia de meus pais. Iam bem. Já tinham alguma coisa para comer e bastante lavoura para uma colheita próxima. Fiquei alegre e triste ao mesmo tempo. Alegre, porque recebi notícias de meus pais e meus irmãos. Triste, pela saudade de minha mãe, que eu adorava acima de tudo. Comecei a chorar. Meu tio Jacinto acariciou-me e brincou comigo. Comovido, lembrei-me ainda mais dos carinhos da minha mãe. Caí numa verdadeira crise de choro que só parou quando adormeci.

O pavoroso drama da seca continuava devorando tudo. Caatinga, agreste e sertão despovoavam-se. Os que não fugiam iam morrendo de fome e de sede. Minha avó organizou umas novenas. Mobilizou velhos, fanáticos e carolas que restavam nos lugarejos vizinhos. Rezavam até alta noite pedindo chuvas a Deus e aos santos milagreiros. Estes mandavam um sol ainda mais abrasador. Meus tios não rezavam nem acreditavam nas rezas. Vovó, contrariada, brigava com eles, chamando-os de

incrédulos. Era o início de uma discussão entre mãe e filhos que nunca acabava. Eu não podia opinar. Era pequeno demais para discutir com pessoas idosas. Era a regra. Simpatizava com a atitude de meus tios, mas não dizia a vovó, tampouco a eles.

No último dia das novenas, depois das rezas, saíram rezando pelos caminhos afora para, segundo minha avó, afastar o “fute” (o diabo) da cabeça do povo e nos limpar perante Deus, para assim merecermos a sua divina proteção. Ela acreditava que todos tinham o diabo no corpo e, por isso, éramos castigados por Deus, com aquela seca tão cruciante. Meus tios não aceitavam essa teoria esquisita e respondiam:

– Se Deus é nosso pai, por que nos castiga desse jeito?

– É pra desconto de nossos pecado que tamo pagando – dizia vovó. – Quando nói morrê, Deus vai escolhê os obediente e temente a ele, e os que num forem o diabo carrega pro inferno.

Meus tios respondiam que não acreditavam no céu nem no inferno e que não podia haver inferno pior do que a fome e a miséria que todos sofriam. Que, se Deus fosse tão bondoso e poderoso como diziam, não deixava morrer de fome tanta gente e tantos animais. Não faltariam chuvas para molhar a terra e juntar água boa, limpa e gostosa para o povo beber. Era uma discussão que não acabava nunca. Minha avó obcecada pelo fanatismo religioso e meus tios sempre rebeldes e mais lógicos.

Começaram a surgir as primeiras caravanas de flagelados pelas estradas e caminhos afora e a aparecer, ali e mais além, os cadáveres esturricados de crianças e velhos, vítimas da fome, da sede e das doenças ocasionadas pela fome. Algumas vezes, nossos pés topavam nesses cadáveres e nós supúnhamos que eram cascas de madeira, de tão secos que estavam.

Meus tios, que tinham chegado havia pouco, planejavam fugir novamente. A grande estiagem atingiu meu tio que morava em Canhotinho. Ficamos sem o nosso suprimento de alimentos. Minha avó, apavorada com as pessoas que morriam pelas estradas, mobilizou novamente seu povo para as novenas “em benefício dos que morriam pelas estradas, vítimas da fome”. Mas o povo de minha avó se reduzia também. Uns porque fugiam, outros porque morriam, alguns vencidos pela descrença e outros porque não tinham forças para as caminhadas. Assim, foram um fracasso as novenas de minha avó.

Os rapazes, filhos de nossos vizinhos e amigos, também dispararam em busca de trabalho no sul do estado. Ficaram os menores, que eram os meus amigos, e o casal de velhos, que havia melhorado de situação devido à solidariedade de um irmão que morava na zona da mata.

Nossos estoques de alimentos diminuía dia a dia. Passamos a comer meia ração por dia. Uma vez, comi em casa de meus amigos. Vovó brigou e ameaçou de dar-me bolos de palmatória. Chorei de medo e de vergonha. Meus tios defenderam-me, dizendo que eu precisava de bolos para comer e alimentar-me, e não de bolos de palmatória. Nova discussão entre mãe e filhos.

Os dias passavam e nossa situação era periclitante. Víamos a morte por toda parte. Meus tios debandaram novamente. Foram trabalhar de empreiteiros na usina Catende. Por sorte, meu tio Evaristo chegou trazendo alguma coisa para enganar o estômago. Também com ele veio o meu querido Passarinho. “Eita cavalo bom!”, exclamei. Reconheceu-me. Cheirou minha cabeça e o peito magricelo. Abracei seu pescoço, cheirei a cabeça dele e fiz minha “festinha”.

Com a chegada de meu tio Evaristo e do cavalo Passarinho, íamos melhorar o estoque d’água, pois a que restava dera ao cavalo para beber. Minha avó reclamou porque gastei a água com o animal e nada sobrou para fazer o quebra-jejum. Respondi-lhe que, quando amanhecesse o dia, eu ia tomar um pote emprestado aos nossos vizinhos e convidar meu amigo para irmos buscar uma carga d’água. De fato, levantei-me mais cedo e fui à casa do vizinho convidá-lo a ir comigo. Ele não só aquiesceu como trouxe um pote d’água no seu cavalo para vovó. Esta fez o quebra-jejum e partimos em busca de água.

A vida estava para mim. Já tinha em que me ocupar, ou seja, na viagem de ida e volta no transporte de água e também no arranjar comida para Passarinho. Meu companheiro de viagem notou a minha preocupação e perguntou-me:

– Por que não conversa, Grilo?

– Tô pensando onde vou arranjar comida pro cavalo – respondi.

– No sítio de meu tio, tem muito capim seco. Serve pro cavalo comer – disse Mané.

– E, quando ele voltar, não vai brigar?

– Que nada, meu pai ficou encarregado do sítio.

Fiquei aliviado, porém ainda preocupado, com medo de o cavalo ser comido pelos flagelados, que não respeitavam nada. Tudo que encontravam diante dos olhos famintos devoravam. Expresssei essa minha preocupação para o meu amigo.

– Que nada, Grilo. O sítio fica afastado das estradas, não dá pra eles verem. É até bom porque o cavalo vai comendo o capim e enterrando as sementes com os cascos e, quando chover, vai ser um capinzal de cobrir um homem.

Trouxemos a nossa água, que por sinal piorava dia a dia, tanto no gosto como na cor. Era um líquido grosso, barrento e quase podre.

Combinamos ir mais longe no próximo dia. Havia um lugar chamado Vargem do Ingá, onde havia um rio, a uma distância de 82 quilômetros contando a ida e a volta. Mas a água era limpa, gostosa e fina. Dava gosto beber! Compensava a viagem. Não falamos nada a vovó nem aos meus tios sobre nossa ida à Vargem do Ingá. Queríamos fazer-lhes uma surpresa, trazendo água boa para as nossas casas. Era uma temeridade, mas valia a pena arriscar-se.

Partimos na manhã do dia seguinte. Levamos um pouco de feijão com farinha e rapadura para comermos na “beira do rio”. No caminho, encontramos um casal. O homem ia muito doente e ofereci-lhe o meu cavalo, que era manso e macio,

até a Vargem do Ingá. Era justamente para onde ia o referido casal. Perto do rio, o casal desmontou e nos deu cem réis para comermos pão doce ao voltarmos para casa. Nunca tinha visto tanto dinheiro em minhas mãos!

Finalmente chegamos ao rio. Nunca, em tempo algum de minha vida, tinha visto um rio! Sabia mais ou menos como era porque via água correr nas grandes enxurradas. Mas um rio de verdade, jamais! Eita rio bonito! Apeamos. Tiramos as latas vazias, as cangalhas, pusemos os animais dentro do rio. Beberam à vontade. Bateram com as patas dentro d'água. Lavamos os dois. Meu amigo, mais alto do que eu, lavava o lombo, o pescoço e a cabeça dos animais, a mim cabiam as partes mais baixas. Feito isso, amarramos os animais no capinzal que havia na margem do rio. Nós tomamos um banho bastante demorado. Esfregamos com folhas do mato a nossa sujeira, tirando uma boa parte do grude. Comemos o nosso feijão com rapadura. Bebemos água à vontade. E que água gostosa, clara e limpa! Descansamos. Quando a sombra das árvores ultrapassava o seu tamanho, arriamos os nossos cavalos, enchemos as latas, pusemos-las em cangalhas e partimos de volta com a carga mais preciosa que já havíamos transportado até então.

Quando passamos na velha cidade de Panelas de Miranda, comprei cinco pães doces. Comemos um, dei dois a meu companheiro para os seus irmãos e levei dois para a minha avó e meu tio.

Chegamos em casa um pouco atrasados. Fui censurado, mas não passou disso. E, quando viram a água clara, limpa e deliciosa, ficaram pasmados e perguntaram:

– Onde arranjô essa água tão boa? Descobriro outra fonte?

Contei de onde trouxéramos a água. Meu tio abraçou-me e minha avó, pela primeira vez, beijou-me o rosto. Mas, quando tirei os pães doces que estavam amarrados na cangalha por um cipó, minha avó explodiu:

– Meu Grilo, onde tu robô estes pão? Vai te ajueiá, pedi peldão a Deus pelo pecado que tu cometeu! Nunca pensei que minha fâmia desse um ladrão! – E fez o sinal da cruz.

Comecei a chorar. Meu tio, mais compreensivo do que vovó, disse:

– Mãe, Grilo não pode tê furtado os pão. Pode alguma pessoa tê dado a ele. Grilo nunca furtô nada, mãe, nem de nós que dirá dos estranho. Não credito que ele tirô do alheio.

E perguntou:

– Tu robô os pão dos otro, Grilo?

– Não sinhô, tio. Eu ganhei um tostão de um home e de uma muié que montô no cavalo intê no rio. Ele tava duente e num podia caminhá e dei o cavalo pra ele e mais sua muié chegá intê perto da casa que ele mora mais a muié dele. E nós na vorta compramo cinco pão doce. Eu comi um cum meu amigo Manué e dei dois para ele levá pra fâmia dele e trago dois para o sinhô e dindinha. Mai não furtei não siô.

A resposta foi correta e verdadeira. Mas minha avó não ficou muito convencida. Só se tranqüilizou no dia seguinte, quando o velho Manuel Bispo veio a nossa casa comentar o êxito de nossa viagem na busca do líquido precioso.

Daí para a frente, já credenciado por meu tio e vovó, íamos duas vezes por semana buscar água no rio Ingá. Era uma tarefa que eu fazia com a maior satisfação.

Chegara finalmente o Natal de 1905. Para a nossa família, o Natal foi triste e pesado. Quase nada tínhamos para comer. Nem mesmo tomamos um gole de café. Já no fim do ano, chegou inesperadamente o meu pai, que vinha me buscar, trazendo notícias da família e da lavoura, que estava em pleno desenvolvimento, e um pouco de mantimentos para vovó, para comemorarmos o dia de Ano-Novo. Porém a boa surpresa, mesmo para todo o povo, foi a queda inesperada de uma chuva torrencial e demorada, que fez transbordar tudo que foi de barreiros, pequenos açudes, cacimbas, poços e caldeirões, e ensopou satisfatoriamente toda a terra.

O povo ia e vinha, percorrendo campos, caminhos e veredas, de casa em casa, ziguezagueando de roçado em roçado, de caldeirão em caldeirão, de açude em açude e por toda parte onde havia água acumulada. Visitavam-se simultaneamente. Cantavam, sorriam, assobiavam e dançavam ao som dos velhos e desafinados realejos, o que me encantava acima de tudo. Houve mesmo quem soltasse fogos no ar. Como e onde arranjaram não é fácil dizer. Outros gastaram seus estoques de pólvora destinados aos festejos juninos, com suas ronqueiras e bacamartes boca de sino. Até os pássaros surgiram como por encanto, saltitando e cantando alegremente de galho em galho nas árvores e arbustos ainda ressequidos e desfolhados pela grande e pavorosa estiagem. Também a saparia não faltou, cantando a sua sinfonia inacabável, em todos os lugares onde havia água acumulada. Foi uma festa coletiva, do povo e dos animais, todos vítimas da fome e do desamparo criminoso do governo.

O povo começou a regressar aos seus sítios abandonados temporariamente em consequência do flagelo da seca. Aqueles que ganharam algum dinheiro compraram sementes de feijão, de milho e de fava, obsequiando um pouco do pouco de que dispunham aos amigos e vizinhos mais próximos. Outros trocavam modestos presentes. Todos queriam ter o prazer de contribuir para amenizar a situação dos outros. Era a solidariedade sempre entranhada no sangue da sofrida massa camponesa. Todos iam recomeçar vida nova. Segundo eles, haveria um ano de bom inverno, porque as chuvas caíram ainda no mês de dezembro. Era um bom sinal para as suas previsões.

Estava próximo o dia da minha partida, para juntar-me a minha querida mãe na zona da mata. Ansiava por esse momento, mas não sabia como despedir-me de minha avó, de meu tio, de meus queridos amigos e do cavalo Passarinho. Todos eram parte de minha vida. Como deixá-los? Às vezes pensava em esconder-me para não despedir-me de ninguém e refletia: “Como posso esconder-me de meu tio e de vovó, se moro com eles? E do Passarinho, como vai ser a despedida?”. Desejava que ele falasse e fui conversar com ele. Pus-lhe o cabresto, arrastei-o para junto de um velho cupim, onde trepei-me e comecei o meu pobre, pequeno e confuso discurso:

– Por que tu num fala cumigo, Passarinho?

Ele olhou-me e pestanejou. Perguntei novamente:

– Por que tu fica calado? Fala cum eu! Eu quero bem a tu. Tu num gosta de eu. Se tu mi qué bem, tu me arrespondia!

Mas Passarinho só sabia que eu queria alguma coisa dele. Talvez uma viagem ou algumas corridas pelos campos e caminhos molhados. Montei nele. Alisei o seu lombo, o pescoço, apeei-me, puxei sua cabeça para baixo, alisei-a com as mãos, dei nele uns tapinhas amorosos e muitos cheiros e parti chorando, com medo de que alguém me visse e mangasse de mim. O coração doía. Foi a minha despedida do cavalo mais lindo, manso e macio do mundo. O meu desejo era dizer-lhe muitas palavras de gratidão mas o meu vocabulário era pobre, vazio e confuso. Não passava de umas poucas centenas de palavras.

Minha avó vinha me tratando carinhosamente, o que agravava ainda mais meu estado de espírito, pois era maior o amor que lhe vinha dedicando, desde muitos meses antes. Pedia-me na intimidade que eu perdoasse as brigas que ela teve comigo. Que eram para o meu próprio bem! Que me tinha muita amizade, que eu não tivesse mágoa dela. Que, se pudesse, ficaria comigo o resto da vida. Que eu fosse obediente para com minha mãe e para com todas as pessoas mais velhas do que eu. Desfiou-me um rosário de conselhos. Também dizia que tomasse bênção às pessoas mais velhas. Tudo isso dizia chorando.

Chegou o dia 2 de janeiro de 1906, véspera de minha partida. À noite, recebemos a visita de três vizinhos. A casa encheu-se de gente. Não por mim, mas por meu pai, que era muito conceituado por todos os que o conheciam. Meus queridos amiguinhos não faltaram. Esgotamos o nosso reduzido vocabulário, tão pobre e pequeno como nós mesmos.

Antes das despedidas, corri e tranquei-me no quarto de vovó. Chamaram-me várias vezes. Não tinha coragem para responder-lhes. Estava chorando. Vovó desculpou-me dizendo que eu havia “trelado” o dia todo e o sono havia me dominado. Todos se foram. Vovó esquentou água para lavar os meus “cambitos”. Logo depois, fui dormir.

Alta madrugada fui despertado, levantei-me. Todos estavam de pé. Vovó fez o quebra-jejum e um cafezinho. Comemos. Despedimos-nos e partimos chorando.

Vovó soluçava e eu estava aos berros, escandalizando o silêncio da madrugada. O meu choro foi longo. Meu pai, que era sempre calado, disse-me:

– Pra que chorá, Grilo?! Temo que andá muito. Se pega a chorá, gasta tuas sustanças e nós num chega lá hoi, não. E tua mãe e teus irmão tão tudo insperando eu e tu, pra gente cumê uma galinha torrada cum farinha e feijão novo, que Deus deu pra nós cumê.

O choro foi passando à medida que nos distanciávamos. Quando o dia amanheceu, já tínhamos andado mais de três léguas. Ao meio-dia, já estávamos bebendo água boa e gostosa do rio Ingá, o mesmo que nos supria de água nos tempos trágicos da grande seca.

Depois de um pequeno descanso, partimos para o sítio Lajedo. Mais adiante, encontramos um córrego cuja água era tão boa e cristalina como as do rio Ingá. A água surgia dentre pedregulhos. Um pouco abaixo, havia um cajazeiro cuja sombra cobria uma boa parte do córrego e chegava ao nosso caminho. Meu pai perguntou-me:

– Tá cum fome, Grilo?

– Tô, sim sinhô – respondi-lhe.

– Antão vamo armaçá, mas antes nói vai tumá um banho, pro mode arrefrescá o corpo. Tu toma aqui, que é raso e eu vou lá inriba, qui é mai fundo.

Ele não queria era ficar despido na minha frente. Tomou o banho dele e veio me esfregar com umas folhas de mato. Eu já me esfregava com a areia do córrego. Ele me disse:

– Cum areia não, Grilo, tu fica todo ranhado e adespois vai doê e tu num guenta.

Depois que me esfregou, falou:

– Tu num tem outra camisa pra mudá? Essa tá muito suja.

Eu só tinha uma camisa e era a que vestia. Quando vovó a lavava, eu ficava despido até que ela enxugasse. A lei da família era só usar calças depois dos dez anos de idade.

Sentamos na beira do córrego para almoçar. Nosso almoço era composto de pirão de água fria com um “taco” de bacalhau que minha avó arranhou não sei onde e como. Para mim foi um almoço “supimpa”. Comi muito, estava com um apetite devorador! Aliás, foi o que nunca me faltou. Descansamos um pouco e, quando o sol começou a esfriar um pouquinho, partimos. Depois de duas horas de viagem, minhas pernas começaram a bambear e, pouco a pouco, ia me atrasando. Meu pai me esperava, me encorajava e eu dava tudo o que podia para acompanhá-lo, mas era em vão. Meu pai me estimulava, dizendo:

– Tamo perto, Grilo, nói chega já, é um tiquinho só qui farta!

Mas não tinha tiquinho nem ticão, eu não podia andar, não dava mais nada. Minhas pernas começavam a tremer e não tinha mais forças para dar um passo. Todo o meu corpo já tremia. Estendi-me no solo e meu pai disse:

– Tu num é home, não, Grilo? Onde tu bota o di cumê qui tu come?

Ele sabia da fome que eu e toda a família havíamos passado e vínhamos passando desde o meu nascimento. Ele abaixou-se, ficou de cócoras, escanchou-me em seus ombros. Puxou minhas pernas para o seu peito, mandou segurar em sua cabeça e partimos rumo ao engenho Brejinho, onde chegamos à noitinha. Arranchamos em casa de uma tia, que me deu um banho morno, para desenfadar-me e podermos viajar no dia seguinte. Fez café, que tomamos com beijos. Na madrugada seguinte, comemos cuscuz de milho ensopado com leite de coco e café. Nos despedimos e partimos para a nossa “choupana”.

Mais de duas horas depois, comecei a fracassar das pernas e meu pai não perdeu tempo: ficou de cócoras, escanchou-me outra vez em seu ombro e saímos a toda. O velho tinha pressa de chegar. Depois de chegarmos ao cume de um morro, começamos a descer e, do outro lado, em uma colina, ficava a nossa casa. Meus irmãos nos viram descendo a ladeira, eu escanchado no ombro de meu pai, e começaram a vaiar-me, com assobios e gritos, chamando-me de frouxo. Eu, que esperava ser recebido alegre e festivamente pelos meus irmãos, levei uma vaia dos diabos. Foi a primeira frustração na minha vida de criança. Só minha querida mãe, sempre querida, pegou-me, abraçou-me, beijou-me e colocou-me em seus braços, levou-me ao açude, banhou-me com sabão, tirou-me o grude do corpo. Lavou minha camisa, enrolou-me num pano e levou-me para casa. Vestiu-me uma camisa limpa e cheirosa do meu irmão mais velho. E, pouco depois, estávamos comendo uma galinha torrada, com feijão e farinha de mandioca. Eita gostosura!

A seguir, começaram as perguntas, que também não foram muitas e menos ainda as respostas, porque o vocabulário de toda a nossa família era pobre. Adormeci e só acordei no dia seguinte para o quebra-jejum.

Goiabeira era o nome do sítio dos meus tios. Não era bonito nem feio, cercado de morros de regular tamanho e altitude, cobertos de matas não exploradas; dispunha de um córrego perene e dois açudes, um de tamanho médio e outro menor. Esse menor foi construído por meus pais e meus irmãos. As terras eram frescas e férteis. Entre os morros, pequenas colinas, um pouco graciosas por seu formato. Morros e colinas formavam um vale muito pantanoso, com uma densa vegetação. Existiam somente a casa de meus tios e a nossa choupana, batizada de casa. Nas matas, alguma caça e peixe nos açudes.

Quando meus pais chegaram ao sítio, meus tios ofereceram as terras que eles preferissem para trabalhar. De início, meus pais preferiram as terras do vale porque não era tempo de plantações normais. Além disso, eles precisavam de lavouras ligeiras, não só para comer mas também para sementes. Meus tios ponderaram, dizendo que o preparo daquelas terras daria muito trabalho e talvez a família não desse

conta. Entretanto, achavam bom porque sanearia o terreno contra os mosquitos e afugentaria as cobras, que eram muitas, e prontificaram-se a fornecer os gêneros alimentícios que fossem necessários até as colheitas. Foi uma ajuda substancial dos meus tios aos meus pais, que enfrentaram a derrubada da mata com todo o entusiasmo, mesmo porque não precisavam interromper seu serviço para alugar sua força de trabalho a fim de ganhar algum dinheiro para a manutenção da família.

Meus pais dividiram o trabalho em três turmas: uma ia roçando os matos, outra ia removendo os matos e a terceira ia plantando – esta era a tarefa dos menores. Quando terminaram a roçagem das partes mais enxutas, caíram com todo o ímpeto na derrubada das partes alagadas. Um mês depois, segundo minha mãe, toda a mataria estava derrubada e o fogaréu devorando tudo, não deixando nada para o encoivamento, o que facilitou ainda mais o preparo da terra para as plantações. Aqui surgiu um grande problema: como fazer o escoamento das águas estagnadas? Meus pais não vacilaram. Mobilizaram mais de quarenta homens e fizeram um mutirão. Começaram a cavar uma grande vala, chamada “vala-mãe” e depois a nossa família, com meus tios e seus filhos, cavou outras valas pequenas, desaguando todas na “vala-mãe”; esta desaguava no córrego. Estava resolvido o problema daquele pântano para receber as sementes. De fato, fizeram uma grande plantação. Nas beiradas das valas e do córrego, plantaram um bananal que dava gosto de olhar, e nas partes mais úmidas, um pequeno canal. O resto foi coberto de milho, feijão, fava, macaxeira, batata-doce, jerimum e melancia. O trabalho foi grande, mas a produção foi compensadora. Três meses depois, estávamos comendo feijão novo, milho verde assado e cozido, pamonhas etc.

Começou nova derrubada para o grande roçado. Enquanto meu pai e três irmãos enfrentavam a grande roçagem, circundando toda a nossa choupana, meus irmãos mais novos, dirigidos por minha mãe, incumbiam-se da limpeza dos matos da lavoura, que crescia mais e mais para o céu, chamada por Deus, segundo minha mãe. Terminada a roçagem da grande derrubada para o grande roçado, puseram fogo. Como na derrubada do vargado, o fogo devorou tudo, deixando a tocaria grossa, que só seria destruída pelo tempo ou por outro fogo. Agora já tínhamos sementes boas e selecionadas para o plantio, fruto das plantações do vargado, graças às previsões de meus pais, cujas sementes não tinham similar, conforme meus pais e meus tios, que eram práticos no assunto. As sementes nasceram com uma força inaudita e apontavam para o céu para nos favorecer e nos tirar da pobreza. Minha mãe acrescentava:

– Quando Deus talda, já vem no caminho.

Ao pé da letra, disse-me ela quando cheguei:

– Mei fiinho, as plantaçon nasceu com tanta força que apontava para o céu. Inté aparecia qui era Deus qui chamava elas tudinho pá lá, pra ficá mais mió e tirá nós tudo da pobreza. Nós agora, a Deus querê, tamo é rico, eu bem digo que quando Deus talda já vem no caminho.

E prosseguia:

– Foi pra isso qui mandei buscá tu pá trabaia i comê desse farturão i qui tá vendo. Tu já discansô muito, manhã invante tu vai pro roçado trabaia cum nóis tudo.

Meu irmão Manuel Bezerra, o mais velho dos homens e a maior autoridade da família depois de meus pais, comprou-me uma enxada nova de duas lâminas e uma foice, encaibrou-as e entregou-me, recomendando que era para limpar mato e não para cortar lavouras, como fazia antes na caatinga. Ia iniciar o meu trabalho da lavoura, como pequeno agricultor, desta vez em melhores condições. Pelo menos tínhamos duas refeições diárias e dois instrumentos de trabalho novos e tinha mais forças para as diferentes tarefas da roça. Aos domingos e dias santos de guarda, sempre havia uma “misturazinha” de carne para comermos. Era uma vida de “rico”, dizia minha mãe, que liderava a família; e todos faziam coro com ela.

Aos meus olhos, ela estava mais bonita do que nunca, mais gorda, mais corada e mais alegre. Seus olhos, azuis e grandes, eram lindos. Seu rosto, quase oval; nariz afilado, boca regular, sobrancelhas fechadas e cabelos louros, completavam a beleza da sua fisionomia e de seu coração, profundamente humano. Eu amava minha mãe mais do que minha vida. Nunca saberei traduzir a sua grande personalidade, o seu caráter, a sua bondade, a sua consciência e, sobretudo, a grandeza de seu coração de pérola. Trinta e dois anos de idade, quinze filhos, dos quais doze viviam. Era uma magnífica reprodutora! Não tinha tempo de acariciar os filhos, pois éramos muitos! No entanto, tudo nela expressava ternura e carinho; seu olhar dizia tudo. Mesmo quando queria nos repreender ou nos castigar, era terna e carinhosa. Daí o merecido respeito e o amor de seus filhos.

Meu pai vendeu algumas cargas de feijão e milho para comprar alguns utensílios de cozinha e roupa para a família e uma cabra de leite para os menores. Eu e meus irmãos mais novos não tínhamos o direito de usar calças, só quando completássemos dez anos. Era lei patriarcal da família. Pedi a minha mãe para fazer-me uma calça. Argumentei que já era um “homem”, trabalhava e podia vestir uma calça, como meus irmãos mais velhos e meus primos, que eram do mesmo tamanho e que já usavam calças. Meu pai e minhas irmãs se opuseram e ainda me xingaram. Minhas irmãs disseram:

– Pra que um burguelo desse qué visti calça? Pra mijá e fazê cocô nelas e dá mais trabaio pra gente lavá? Toma jeito de gente, pirraio! Tua calça é chinelo na bunda, é o que tu tá precisando!

Ficou nisso. Fui derrotado, mas fiquei com a ideia na cabeça.

O trabalho na roça era bom. Fiquei enquadrado entre minha mãe e uma irmã, a mais velha. Ambas ajudavam quando eu atrasava. Já não arrancava mais as plantas nem encobria de terra os matos que devia capinar, como fiz no início de minha aprendizagem. Tinha um zelo grande pelas lavouras. Minha mãe me

elogiava e isso era tudo para mim. O milharal já me encobria e o feijão alcançava meus tornozelos. As ramas de melancia e de jerimum esparramavam-se por todos os lados. A cabra dava o leite necessário para os meninos mais novos, com o qual se fazia papa para os garotos. Eu era o herdeiro do papeiro. Quando era minha mãe quem fazia a divisão da papa, ela deixava o papeiro “gordo”, mas, quando eram minhas irmãs, elas deixavam o papeiro quase raspado, sem ter o que comer. Isso me deixava furioso e só tinha vontade de vingança; realmente me vingava, quando elas me mandavam fazer algo para elas, não obedecendo às ordens. Isso me valeu algumas palmadas na bunda, o que me causava uma raiva dos diabos.

Uma vez cheguei do roçado muito suado e calorento. Minha irmã Isabel estava lavando roupa no açude. Cheguei ao paredão do açude e pedi para dar um mergulho. Ela consentiu, supondo que eu soubesse nadar. Fiz carreira e joguei-me no abismo das águas. Quando voltei à superfície, sem querer afundei-me novamente e subi outra vez à superfície. Já tinha bebido muita água, estava me afogando. Felizmente minha irmã viu e sabia nadar. Salvou-me da morte. Pendurou-me pelas pernas de cabeça para baixo, vomitei muita água e ainda não tinha normalizado a respiração quando senti que a mão de minha irmã batia impiedosamente em minha bunda. Só parou quando minha mãe ouviu os meus gritos e correu para acudir-me. Minha bunda ardia como pimenta-malagueta. Minha mãe embrulhou-me num pano e levou-me para casa, onde adormeci e só despertei porque sonhei que me afogava. Jantamos. O assunto da noite foi o meu afogamento. Daí por diante, a garotada miúda só podia ir ao açude acompanhada por uma pessoa grande e que soubesse nadar. Essa ordem foi válida enquanto moramos no sítio.

Tudo marchava bem. A lavoura crescia, toda limpa, dava gosto vê-la. Chegava gente de fora para admirá-la. Meus pais, orgulhosos, ofereciam cafezinho ou um gole de pinga.

Meu pai tinha um hábito ruim, o de juntar as faltas que os filhos cometiam, para surrá-los todos de uma vez. Chegara esse dia fatídico. Desancou um marmelo de cima para baixo, em meus irmãos mais velhos. Eu assistia apavorado. Antes de chegar minha vez, corri, subi num banco encostado na janela e fugi para esconder-me nos matos. Meu pai, depois que acabou a pancadaria, ordenou aos meus irmãos, que ainda choravam, que fossem procurar-me, mas eu estava bem escondido, não era fácil achar-me, mesmo porque eles não estavam muito satisfeitos e alegres com o velho, pois estavam com as costas, a bunda e as pernas ardendo do marmelo. O fato é que passaram a tarde toda e não me acharam. Tinham a ilusão de que à noite eu chegaria em casa, mas foi em vão. À noite, saí dos matos e fui para a vargem. Dormi debaixo de uma moita de maracujá, quase fui devorado pelos mosquitos. Ao amanhecer, comi umas batatas-doces cruas e meti-me novamente dentro dos

matos. Todos me procuravam. Fizeram promessas, andaram pelas casas dos vizinhos mais próximos e nada de o Grilo aparecer.

Na noite do segundo dia, dormi em um rancho que tínhamos no centro do grande roçado, onde ficávamos quando chovia. No dia seguinte, morto de fome e de frio e todo picado pelos mosquitos, fui à casa de minha tia e madrinha, apadrinhar-me com ela, que não vacilou em dar-me boa acolhida. Deu-me um banho, comida e deitou-me em sua cama. Deixou-me dormindo e foi à casa de meus pais, avisá-los do meu aparecimento. Minha mãe veio correndo ao meu encontro. Eu dormia e ela não quis acordar-me, mas começou a beijar-me. Despertei e vi minha querida mãe, a joia mais preciosa da minha vida. Chorando, abracei-me a ela, que me acariciou com toda a ternura e o carinho, beijando-me e alisando meus cabelos. Penteou-os. Ainda emocionado, disse-lhe que não lhe daria mais trabalho; ainda que meu pai me matasse de uma surra, eu não fugiria.

– Qui tu fale pela boca de um anjo!

Minha madrinha disse:

– Ele ainda é um anjinho, muié, é tão novinho! Às vez, inté penso qui esse menino não se cria. Deus leva ele antes do tempo. A nossa mãe é quem sabe o que ele fazia lá nos mocó. Inté água adescobriu lá e, quando secô, ele foi com o fio de cumpadre Mané Bispo vê água no rio Ingá. A mais de sete légua. E agora faz uma dessa, pá mode num apanhá, ficando no mato três dia cumo um bicho babo! Num se cria, não. Deus leva ele pá ele. Inté é bom, pá o pobizinho num sofê mais. Eu sei qui vô chorá munto, mai, só di ele adiscansá, eu fico consolada.

O diálogo continuaria se meus irmãos não tivessem invadido a casa para me ver. Meu pai apareceu também. Prometeu não me bater na hora, mas jurou-me uma surra.

Os dias se passavam e nós com eles. A lavoura bem limpa e crescendo. O milho torcendo para largar bonecas e pendões. O feijão todo florido e vageando. Tudo prenunciava uma safra colossal. Minha mãe dizia:

– Cum a graça di Deus, nói vai tê um farturão. Nu fim du ano, eu vô vê minha mãe. Vô trazê ela, mode ficá cum nós. Ela tá cansada, já sofreu muita necessidade.

Veio o mês de maio e com muitas chuvas, que, em vez de pararem, aumentaram mais ainda. As lavouras dos terrenos baixos começaram a sentir o excesso. Meus pais ficaram muito preocupados. Minha mãe perdeu a alegria de sempre. Era marcante a sua tristeza. Começaram a rezar pedindo a Deus para reter a chuva. Deus mandava chover ainda mais. As lavouras das terras baixas se perderam e as outras iam no mesmo caminho. Os dois açudes recebendo água além de sua capacidade. Meus pais e meus tios se mobilizaram para tentar salvá-los. Abriram mais os sangradouros. O córrego tornou-se um grande rio, alagou toda a nossa vargem, encobrendo toda a lavoura. Felizmente, meus pais tinham colhido o resto

do milho e do feijão e as favas maduras que ainda restavam no varjão. Era trágica a situação de nossa família. Os açudes transbordavam por cima do paredão, o nosso bananeiral e o nosso canavial totalmente submersos, era novamente a ronda sinistra da fome em nosso lar. A grande lavoura, que era a nossa esperança, estava perdida em mais de quatro quintos. Escapariam apenas as que estavam nas partes mais altas das colinas. Isso se houvesse alguns dias de estiagem.

Uma noite, mais ou menos às sete horas, ouvimos um estrondo abafado, seguido de um barulho fora do comum. Minha mãe assustou-se, meu pai escutou o barulho sinistro das águas e disse:

– Foi o açude que arrombou!

As águas desciam com uma velocidade incrível e faziam um barulho apavorante. Em sua maior parte, os animais de meus tios foram arrastados pela avalanche das águas, inclusive as poucas cabeças de gado e os dois cavalos. Tudo sumiu arrastado pelas águas.

Minha querida mãe, que estava grávida, abortou. Em consequência, surgiu-lhe uma hemorragia perniciosa, que não havia jeito de estancar. Remédios não tínhamos em casa. Os caminhos interditados, até mesmo para a casa de meus tios. Ficamos isolados de tudo e de todos. Minha mãe estava “morre não morre”. O que nos valia era o seu ânimo forte. Tínhamos a impressão de que sofríamos mais do que ela. Finalmente estancou a hemorragia, porém ficou muito fraca e pálida e começaram a inchar seus pés e pernas. Perdeu quase metade de seu físico, seu estado de saúde era precário e preocupava toda a família. Mais de quarenta dias de cama, sem levantar-se. Mas, mesmo acamada, dirigia a família. Era forte, apesar de tudo.

Meu tio José Bezerra, devido aos trabalhos exaustivos, antes e depois da ruptura do açude, e aos graves prejuízos da lavoura, do açude e dos animais, enfraqueceu do cérebro a ponto de uma noite tentar incendiar sua casa com toda a família dormindo. Já não se alimentava e não conversava com a família; e, quando os filhos lhe dirigiam a palavra, ele os fitava e vinha-lhe um choro convulsivo. Um dia, minha mãe mandou-me à sua casa para pedir um pouco de sal para comermos milho torrado. Fui e, quando voltava, meu tio veio atrás de mim. Ele não era um louco furioso, mas eu tinha muito medo dele. Quando percebi que vinha perto, tentei correr. Era tarde. Ele me pegou carinhosamente, levou-me para casa e disse à minha mãe:

– Comadre, a senhora vai ficar boa. Seu filho vai ser um homem. Eu vou morrer. Venho despedir-me. Não a vejo mais.

Todos nós ficamos em pânico. Ele não quis sair e, com toda a calma, disse:

– Hoje janto com todos. A senhora não se opõe?

Minha mãe ficou aperreada, porque não tínhamos nada para jantar. Ele soltou uma gargalhada e disse:

– Comadre, não fique avexada. Eu como milho junto com meus sobrinhos. O Grilo não trouxe o sal para o milho?

Jamais vi um louco tão equilibrado. Felizmente, meu pai e meu irmão, que tinham ido trabalhar uns dias na usina Catende, chegaram trazendo um pouco de farinha e de feijão. Minha mãe mandou cozinhar o feijão e jantamos todos com nosso tio, que comeu bastante. Conversou muito com meu pai, que era seu irmão, até altas horas da noite, quando pacientemente meu pai o levou para sua casa. Foi, de fato, a sua despedida. Não nos vimos mais.

Começamos a vender alguma coisa do pouco que tínhamos. Meus irmãos tentaram uma fabricação de cestos e vassouras. Trabalhava-se muito, mas a oferta era maior do que a procura e o que apurávamos mal dava para comprarmos farinha de mandioca. E éramos felizes quando tínhamos farinha. Pelo menos comíamos “cabeça de galo” uma vez por dia, e nada mais. Apesar da fome, minha mãe teve uma melhora, mas estava muito fraca, pálida e magra. Meu pai e dois irmãos saíram para trabalhar, alugados. Ganhavam seiscentos réis por dia cada um e, quando saíam, nada ficava em casa para comer. Passamos a comer ratos, uruás e algumas bananas verdes, quando encontrávamos, alguns tocos de cana que sobram da grande cheia e algumas raízes. Dois irmãos menores, estrangulados pela fome, não se levantavam mais da cama. Estavam condenados à morte. O único objeto que nos restava era uma trempe de ferro, onde fazíamos o fogo. Minha mãe mandou vendê-la a uma comadre que morava a uns dez quilômetros de distância. Encarregou-me dessa tarefa.

No caminho, havia uma família cujos filhos eram terrivelmente maus. Eu era um saco de pancada desses garotos e tinha pavor deles. Na ida, nada me aconteceu, eles não estavam em casa. Cheguei à casa da senhora a quem devia vender a trempe; fui bem acolhido e dei-lhe o recado de minha mãe. Ela lacrimejou, passou a mão em meus cabelos, alisou-os e mandou esperar. Entrou para o interior da casa e trouxe-me um pouco de leite com farinha e algumas bananas para eu comer. Eu fiquei indeciso: não sabia se comia ou levava para minha mãe e meus irmãos. A boa senhora olhou-me e disse:

– Coma.

Respondi-lhe que ia levar para minha mãe e meus irmãos que estavam doentes de fome. Ela retrucou-me:

– Coma, que eu mando para eles.

Eu comi o leite com farinha e deixei as bananas, com a intenção de levá-las para casa. A digna criatura chegou-se a mim e falou carinhosamente:

– Coma, meu filho, você vai andar muito e precisa ter forças. Eu mando para sua mãe e seus irmãos.

Depois pegou uma sacola muito alva, pôs um pouco de feijão, amarrou-a pelo meio, pôs farinha na outra metade da sacola, colocou no meu ombro, uma parte para a frente e a outra para trás e me deu um litro de leite para levar e mandou dizer à minha mãe que mandasse um de meus irmãos maiores à sua casa para pegar bananas e outras coisas para comermos.

Voltei cheio de alegria. Mas, quando me aproximei da casa de meus rivais, com medo de perder minha preciosa carga, resolvi subir pelo acero do roçado e contornar, assim, a casa deles. Ia muito bem. Infelizmente, ao descer o outro lado do roçado, deparei-me com meus “amigos da onça”. Começaram os insultos; em pouco, entrei nos tapas e no chute. Corri chorando e gritando de pavor, mas eles corriam mais do que eu. Jogaram-me pedras. Uma delas rachou-me a cabeça, o sangue esguichou e gritei mais ainda. Por sorte, a mãe deles correu e salvou-me de uma sova dos diabos. Ela lavou a minha cabeça, enxugou-a e me levou em seus braços até minha casa. Pediu desculpas a minha mãe, dizendo que castigaria seus filhos. Eu não soltei minha preciosa carga. Segurei com todas as minhas forças o litro de leite. Preferi apanhar. Minha mãe pediu à mãe dos garotos que não os castigasse, pois ela não brigava com vizinhos por causa de crianças. Pediu apenas que aconselhasse seus filhos a não cometerem erros dessa natureza. E me parece que ela seguiu o conselho de minha mãe.

A comadre de minha mãe não esperou a ida de meu irmão à sua casa. Ela mesma antecedeu-o, junto com um filho, trazendo-nos feijão, farinha e dois cachos de bananas, e ficou mandando, durante quinze dias, um litro de leite para minha mãe e meus irmãos que estavam à morte por inanição.

Minha avó soubera de nosso desastre e, como as coisas estavam melhorando em seu sítio, devido à regularidade do inverno, mandou-nos buscar por dois tios, com seus cavalos, para fazer a nossa mudança. Meu pai e meus irmãos tinham voltado. Eu ia rever meu querido Passarinho e abraçar meus tios, de quem muito gostava. Estava feliz com a notícia. Como não tinha nada a fazer, passei a tocaiar a chegada de meus tios e assim passava o dia todo, no alto do caminho, à espera deles, mas frustrei-me. Um dia muito chuvoso, não pude sair, mas fiquei na porta de nossa choupana, a esperá-los até a noite. Quando o sono me venceu, deitei-me para dormir. Meus tios chegaram altas horas da noite. Ao amanhecer, fui despertado pelo meu tio Jacinto, que me chamava de preguiçoso, dizendo que eu não tinha tido coragem de esperá-lo para tomar conta do cavalo, que eu não gostava dele. Pulei da cama e abracei-o com toda a força. Suspendeu-me, jogou-me em seus ombros e começou a dançar. Era o tio de quem eu mais gostava. Parecia com minha mãe até no trato com as pessoas.

Minhas irmãs fizeram o almoço, durante o qual acertamos nossa partida para a madrugada do dia seguinte. Arrumamos os trapos de roupa dentro de dois garajaus, nos quais viajaríamos ainda meus quatro irmãos menores, dois de cada lado. Minha

mãe ocuparia o centro da carga, dirigindo o cavalo Passarinho, que era manso e macio, além de cuidadoso no trabalho.

Terminado o almoço, fui com minha mãe à casa de minha madrinha e tia. Íamos para nos despedir dela. Havia perto da casa uma ladeira de inclinação suave. Mamãe pediu-me para empurrá-la devagarinho. Fiz isso bruscamente e ela caiu de bruços, virou-se e sentou-se na beira do caminho. Tive pena dela e comecei a chorar. Chamou-me, aproximei-me e ela me disse:

– Chore não, Grilo! Vancê num tem culpa, eu é qui num presto mai. Tô boa só pra morrê.

Titia veio em nosso auxílio e levantou mamãe. Saímos andando lentamente até sua casa. Eu tinha medo de perder mamãe. Só em pensar, me doía o coração.

À tardinha, vieram os tios também para a despedida de titia. Terminada esta, voltamos todos juntos para a choupana.

No dia seguinte, partimos alta madrugada, uma madrugada limpa e clara pelo luar. O caminho era tortuoso, mas o brilho da lua facilitava a marcha dos cavalos. Eu ia montado na garupa do cavalo conduzido por Isabel, minha irmã. O dia amanheceu bonito. Mais tarde, começou a escurecer. Já tínhamos percorrido três léguas. Caiu uma chuvinha fina que pouco a pouco foi engrossando, empoçando o caminho já lamacento. Os cavalos começaram a escorregar, ora para a direita, ora para a esquerda. A marcha se complicava. Os cavalos, apesar de cuidadosos e seguros, vez por outra tombavam de joelhos no lamaçal e levantavam-se logo. Minha mãe deu a ideia de retirar as crianças dos garajaus enquanto não melhorasse o caminho. Sua sugestão foi atendida. Meu pai e minhas irmãs mais velhas tomaram a criançada nos braços. Até aqui tudo marchava bem, mas o pior era a travessia de um desfiladeiro perigoso, que ficava adiante, entre dois morros. Desgraçadamente, durante essa travessia, o cavalo Passarinho escorregou numa poça de lama, caiu e levantou para escorregar novamente e cair de lado, desta vez no abismo. Minha mãe foi jogada dentro de um córrego pedregoso, o que lhe valeu a fratura de quatro costelas e do braço direito. Sem fala, foi retirada do córrego. A mim, parecia já morta. A família toda caiu em prantos. Meus tios e meu pai improvisaram uma maca com o velho encerado que haviam trazido. Nessa maca, deitaram cuidadosamente mamãe e levaram-na para o engenho Brejinho.

Passarinho ficou enganchado em meio a troncos de árvores. Salvá-lo custou-nos muito trabalho. Foi muita sorte nossa e do animal. Enquanto minha mãe era levada para o engenho Brejinho por meu pai, um tio e dois irmãos, ficamos com mais um tio e dois moradores das redondezas que nos ajudaram a tirar o cavalo da encosta do abismo onde se enganchara.

Refizemos as cargas e reiniciamos a viagem. Chegamos ao engenho Brejinho. O proprietário era um velho português, bom e humano, que nos acolheu bem e chamou um carpinteiro, mandando-o preparar umas tabuinhas e trazer alguns

pacotes de algodão em ramas. Com isso, enfaixou o braço e o tórax de minha mãe. Trouxe-lhe mezinha. Mamãe até aqui não tinha voltado a si. Passadas muitas horas, movimentou os lábios, mas pouco ou nada se podia entender.

O velho nos deu um pequeno galpão com uma porta de entrada e outra de saída. Uma antiga porta serviu de cama para a doente. Ofereceu-nos, para pagar depois, com trabalho, uma saca de farinha, uma de feijão, cinco quilos de sal e seis barras de sabão. Aceitamos o fornecimento. Éramos oito enxadas e seis foices e o “portuga” precisava dessa mão de obra. Isso foi ótimo para nossa família.

O galpão era pequeno para nos alojar. O senhor de engenho consentiu, então, em que dormíssemos no salão perto da moenda. E para lá fomos dormir eu e meus irmãos mais velhos. Meus pais e minhas irmãs ficaram no galpão.

Semanas depois, o engenho começou a moer. Meu pai e meus irmãos mais velhos foram trabalhar no corte de cana. Eu e outro irmão um ano mais velho fomos trabalhar na bagaceira do engenho. Juntando e espalhando o bagaço da cana para alimentar a fornalha e cozinhar o melaço para o açúcar. Foi o início de minha vida de assalariado agrícola. Faltavam dois meses para eu completar sete anos. Estávamos a 13 de janeiro de 1907. Minha mãe ia melhorando dia a dia. Já andava segurada por minhas irmãs e, às vezes, sozinha agarrada às paredes do galpão.

Perto da destiladeira tinha uma escola primária. Os garotos estudavam cantando, ou melhor, decorando no canto, as lições:

– Bê... a... bá... bê... e... bé... bê... i... bi... bê... o ... bó...

O mesmo faziam com a tabuada:

– Um... e ... um... dois... dois... e... dois...

Eu gostava de ouvir os garotos a cantarem e a decorarem suas lições de alfabetização e de tabuada. Foi não foi, eu estava ouvindo e, às vezes, fazia a minha cerazinha. Mas o meu gosto não combinava com o gosto do senhor de engenho, que, de vez em quando, me “flagrava” ouvindo a música alfabética dos garotos e dizia:

– Vai trabalharr!! Vai trabalhar!! Quem não trabalha não come!!

E saía com essa cantilena até entrar no engenho. Uma cantilena que não era do meu gosto. Essa contradição, apesar dos sustos e vexames que passei, durou muitas semanas. Um dia de sol muito quente, as crianças acabaram de recitar suas lições e iniciaram uma música de roda infantil. Eu achei um encanto e me cheguei para ouvir melhor, mesmo porque o sol era abrasador e tinha uma sombra onde os garotos cantavam. Descuidei-me do velho, que, por sinal, veio do outro lado. O velho “flagrou-me” mais uma vez. Segurou-me pelo braço e falou:

– Vá para casa! Vá para casa!

Tentei trabalhar, ele não consentiu. Tomou-me o ancinho da mão e mandou-me para casa. Cheguei chorando. Minha mãe, que estava bem melhor, acolheu-me com muita doçura. Esquentou um pouco de água, deu-me um banho e deitou-me. Estava doente. Não sentia dores, mas estava com muita febre, e muita moleza no

corpo. O velho soube e mandou-me uns comprimidos. No dia seguinte, melhorei e, já no outro dia, recomecei o trabalho. O velho me viu, passou de guarda-sol aberto, parou na sombra e, olhando-me a trabalhar com a cabeça descoberta, sem chapéu, voltou à casa-grande e trouxe-me um chapéu de palha maior do que eu. Foi bom, porque fazia sombra nas costas e na cabeça. Era muito bom, mas dava para cobrir duas cabeças além da minha. Todavia, à noite, minha mãe apertou-o com um cordão. Neste dia e no outro, trabalhei até tarde da noite, até meu pai vir buscar-me.

No sábado, todos os trabalhadores foram receber o seu salário. Chegou a minha vez de receber os quatrocentos e quarenta réis... foi um dinheirão... O velho senhor de engenho não descontou os dois dias que passei doente nem os comprimidos que tomei. Meu pai falou:

– Seu curuné, meu fio perdeu dois dia na sumana, num pode arreceber cuma si trabaiaasse os dia todo da sumana.

O velho olhou meu pai e disse:

– Mas trabalhou duas vezes até a noite, está pago.

– Deus lhe agardeça, seu curuné – disse meu pai.

– Amém, homem, amém.

Continuei ouvindo a música dos garotos, mas não fiz mais cera. Não queria perder o crédito de confiança com o velho senhor de engenho. Uma vez, à noite, pedi à minha mãe para me pôr na escola; ela me olhou, pôs a mão em minha cabeça e disse:

– Meu fio, eu num posso botá tu na iscola. Son dez minino, pá botá um tem qui butá tudo i o qui nói vai cumê? O qui tu ganha ajuda adiquiri o dicumê pra tudinho!

E começou a chorar e a acariciar-me. Arrependido de ter pedido uma coisa impossível, caí no choro por ter feito minha mãe chorar. Ela sentou-me em seu colo e choramos os dois juntos. Jurei comigo mesmo não fazer a minha mãe chorar nunca mais.

Era tempo de plantação. Minha mãe pediu ao velho senhor de engenho um taco de terra para plantar milho, feijão, fava etc. Ele cedeu, sem prejuízo para o serviço do engenho. Aos domingos, minha mãe e toda a filharada que pudesse fazer alguma coisa no roçado íamos trabalhar. Os mais velhos roçavam o mato, os demais removiam e minha mãe ia plantando. Foi a aplicação da experiência da divisão do trabalho no sítio Goiabeira que trouxe bons resultados dessa vez aos meus pais. Finalmente, foi completado o nosso roçado, que não era grande, mas, se o inverno fosse bom, teríamos mantimentos para comer sem precisar comprá-los no barracão do velho “coroné de engenho”. A ordem era só plantar milho, feijão e fava, porém uma vez o velho coronel passou montado, chamou minha mãe e disse que podíamos plantar mandioca, macaxeira, batata e jerimum – o que fizemos com muita alegria. Nessa época, já morávamos numa casa com sala, dois quartos e cozinha e podíamos, uma vez ou outra, ir à feira e, de vez em quando, também comprar meio quilo de bacalhau ou de charque. Mas o bom mesmo era a saúde de minha mãe, que melhorava dia a dia, em todos os sentidos.

Eu gostava muito de ir à feira para comer pão doce e comprar um vintém de cigarro para fumar escondido. Uma vez, fui sozinho, fiquei louco de alegria, não só porque já merecia a confiança de ir sozinho, mas sobretudo porque ficava mais livre e podia bancar imponência diante das pessoas mais velhas. A nossa feira não passava de um quilo de sal, uma barra de sabão, um litro de querosene e uma caixa de fósforos. Fiz as compras da família com muito senso de responsabilidade, depois comprei um pão doce e um vintém de cigarros.

Sentei-me na calçada da estação da Rede Ferroviária do Nordeste, comi o pão doce, bebi água, fumei o cigarro até a metade, apaguei o resto com cuspe e coloquei atrás da orelha, como faziam e fazem ainda hoje os habitantes da zona rural. Quando o “vapor de ferro” chegou, causou-me a mais profunda admiração, nunca tinha visto um bicho tão comprido e tão pesado correr em cima de dois trilhos com tanta velocidade. Fiquei tonto e quase fui atraído para a frente da locomotiva – e o seria, se um matuto não me tivesse agarrado. O trem partiu, o maquinista apitou, tomei um grande susto com o apito. O trem seguiu seu caminho, segui o meu, ainda assustado, porém encantado por ter visto o “trem de ferro”. Era esse o seu nome conhecido pela matutada. Agora, julgava-me importante, já tinha o que contar aos meus irmãos e à minha mãe, ia fazer inveja a todos... era o primeiro dos irmãos que tinha visto uma locomotiva arrastando “uma cobra tão comprida”.

Uma hora depois, deu-me vontade de fumar. Era proibido menino fumar na frente dos mais velhos. Muito menos pedir o lume. Todavia a vontade de fumar superou tudo. Havia uma choupana de palha no caminho, na qual morava uma velhinha. Não tive dúvida, bati na porta e falei:

– Ô de casa!

– Ô de fora – respondeu-me a velhinha. – Quem é?

– É de paz!

Lá veio a velhinha curvada para a frente e corcunda, a cabeça tremendo, segurando-se num bastão, e disse:

– Deus te dê um bom dia, meu fio.

E, diante da minha vacilação, perguntou:

– O que tu qué, meu fio?

– Eu queria uma brasinha pá cendê o meu cigalo.

– O quê, minino afoito, tu num arrespeita os mais veio?... Pera, vô ti dá um chinelo na bunda, seu atrevido!

Eu já ia longe quando soou a última palavra. Foi um carreirão, eu batia com os calcanhares na bunda, só parei depois de cansado. Passado o susto e o cansaço, voltou-me o desejo de fumar. Não havia mais moradores no caminho; se não passasse alguém fumando, só o faria em casa às escondidas. Faltando uns três quilômetros para chegar em casa, apareceu um senhor montado a cavalo. Vinha fumando. Ao aproximar-se de mim, dei-lhe passagem, tirei o chapéu da cabeça, tomei-lhe a bênção e ele me disse:

– Deus te dê boa sorte!

Diante da minha vacilação, acrescentou:

– Qué alguma cosa?

– Inhô, sim, respondi.

– Diga o que vancê qué.

Criei coragem e falei:

– Vosmecê me dá o seu lume pra mode cendê o meu cigalo?

A resposta foi imediata:

– Cumu é, seu má inducado? Seu atrivido, seu lume é cinturão no rabo!

E fez menção de tirar o cinto.

Não vi mais nada. Emboquei mato adentro, em disparada, fui sair num canavial e só parei num rio já perto de casa, para lavar o sangue que escorria devido aos arranhões do mato.

Fui duplamente frustrado na minha tentativa de querer ser gente grande!

O xis do problema estava em justificar-me em casa. Eu sabia que não podia enganar minha mãe. Já que não tinha medo dela, como tinha de meu pai, confessei-lhe toda a verdade. Ela me disse:

– Só tenho pena di tu não tê levado chinela na bunda e cinturão nas costas pra arrespeitá os mai veio.

Porém notei que ela não estava muito convencida de seu desejo. Pendurei-me em seus braços e dei-lhe muitos cheiros.

Deixei de trabalhar na bagaceira do engenho e fui trabalhar no eito com meus pais e irmãos. O meu salário foi aumentado para cento e quarenta réis por dia. O trabalho era duro e o cabo do eito não deixava que levantássemos a cabeça. Nem mesmo para respirar melhor. Nada de conversa, nada de cera e tomar água só quando chegávamos ao fim do canavial. Largávamos o trabalho ao meio-dia para comer qualquer coisa. E se houvesse. Se não houvesse, só quando o sol se escondia no horizonte e começava a escurecer.

Terra de sapé, dura e seca.

Algumas semanas depois, meu pai foi transferido para a pilagem de café, isto é, iria descarregar o café no pilão. Minha mãe falou com o senhor de engenho para trabalharmos por tarefa com toda a família. Foi atendida. O feitor (administrador) media as “contas” (ou as tarefas) do dia a dia para toda a família. À tarde, quase ao pôr do sol, quando o feitor vinha fiscalizar o nosso serviço, eu ficava tremendo de medo. No fundo, ele era uma criatura incapaz de fazer mal a qualquer pessoa. Era um preto retinto, olhos grandes, uma fisionomia simpática, dentes que pareciam duas serras de marfim, nariz grosso, achatado, forte e robusto, lábios grossos e pescoço também, peito largo. Seu nome: Peregrino. Tinha sido escravo do senhor de engenho, mas, apesar de formalmente livre, permanecia na escravidão. O medo que eu tinha não era dele em si, era de seu aparato bélico. Quando ele vinha fiscalizar o serviço, eu via aquele negro armado, de cacete na mão, um facão “rabo de galo” que tocava no tornozelo, um grande punhal atravessado na cintura, uma pistola de dois canos também atravessada na cintura, um chapéu de abas grandes, quebradas na frente e com três estrelas de bronze no chapéu. Eu tremia de medo e agarrava-me na saia de minha mãe. Ela me dizia:

– Não tema, meu fio; quem num deve num teme. Si vancê amostra qui tá cum medo, ele pensa qui o selviço num tá bom e qué qui si faça di novo. Antonce nói num ganha nada nesse dia e vamo passá fome purque nói só come quando travaia.

Quando o feitor saía, minha mãe dizia:

– Meu fio, eu também tenho medo, mai a gente deve fazê das tripa coração... E começava a chorar.

Meu pai deixou a pilagem do café e foi com meus dois irmãos mais velhos roçar matos para o senhor de engenho. Eram boas foices e, por isso, tiveram o salário aumentado para setecentos réis cada um. Minha mãe ficou com a filharada “miúda”, limpando mato. Às vezes, quando eles largavam mais cedo, vinham nos ajudar em nossa tarefa. Isso porque eles trabalhavam por conta.

Depois da derrubada da mata, meu pai voltou à pilagem do café e meus irmãos foram cortar cana. Minha mãe foi trabalhar na seção de beneficiamento de café, onde trabalhavam meu pai e duas irmãs.

Meu primo era mestre carreiro no engenho. Pediu à minha mãe para que eu fosse trabalhar com ele como ajudante. Ela não se opôs, mas ponderou que eu era muito novo e pequeno para trabalhar de ajudante de carreiro, visto que eu não podia nem com um feixe de cana. Meu primo prometeu ajudar-me naquilo que eu não pudesse fazer. Fiquei saltitando de alegria. Ia andar em cima de um carro de boi, chamar boi com uma vara de ferrão. Ia passar muito sebo e azeite nos eixos das rodas e nos mancais. Isso para o carro ranger e cantar bonito. Tudo estava para mim. Ia ganhar uma vara de ferrão para mandar nos bois e, quando ficasse maior, ia ser o maior carreiro do mundo. Além do mais, ia ganhar duzentos réis por dia. “Eita dinheirão!” Seria o menino mais bem pago do engenho. E o mais admirado. Não somente pelo salário, mas sobretudo porque era ajudante de carreiro e tangia bois de carro. Tudo isso me fervia na cabeça noite e dia.

Meus deveres consistiam em levantar-me de madrugada para ir ao campo juntar os bois e levá-los para o galpão, vigiá-los até a chegada de meu primo para encangá-los e dar começo à jornada nos cortes de cana a fim de transportá-los ao engenho para a moagem. A outra tarefa era carregar os feixes de cana até o carro, enquanto meu primo enchia-o com feixes de cana mais próximos. Eu sentia dificuldades em transportá-los porque eram muito pesados para as minhas forças, mas os levantava e depois abaixava-me e puxava-os para minha cabeça e os transportava até o carro. Vez por outra, escorregava nas palhas ou nos olhos de cana e caía com feixe e tudo. Levantava-me novamente e fazia a mesma manobra, prosseguindo no meu lufalufa de vaivém o dia inteiro e até nas noites de luar. À noite, estava cansado. Meu corpo magricelo só pedia chão e esteira para dormir.

Aqui começa uma grandiosa prova de paciência de minha mãe para comigo. Alta madrugada minha mãe chamava-me:

– Grilo! Ô Grilo!

– Qui é, mãe?

– Acorde, meu fio. O galo já cantô três vêi!

Eu ficava dormindo. Ela vinha, me levantava da esteira com toda a ternura. Lavava-me o rosto e dava-me um gole de pinga, pois, segundo ela, servia para dar-me coragem e espantar o frio. Realmente, eu tomava o gole de pinga e o sangue invadia-me o rosto e as orelhas.

Minha mãe ia me empurrando devagarinho até a porta da rua, às vezes debaixo de chuva. Mas, com chuva ou sem chuva, era uma tarefa que eu não podia deixar de cumprir. Por incrível que pareça, a chuva era melhor do que o orvalho; este dava-me câimbras nos pés e nas mãos, que me doíam desesperadamente; por outro lado, aquela me tirava a câimbra. Mas, com um ou com outro, eu sempre ficava molhado. Quando chovia, era pior, porque os bois subiam para o alto dos morros. Todavia, à medida que eles iam se habituando comigo, bastava chamar um deles pelo nome e todos os demais vinham juntar-se a este. Aproximavam-se em grupo e isso me facilitava o trabalho.

No galpão, descobri uma dependência cheia de milho que era do senhor de engenho. Fiz o seguinte raciocínio:

– O milho é do coronel. Os bois também são dele. Não faz mal que eu tire um pouco de milho para dar para os bois comerem.

Daí por diante, todas as madrugadas, os bois tinham uma suculenta ração de milho para comer e comiam gostosamente. Foi ótimo. Desse dia para a frente, em vez de ir procurá-los no campo, eram os bois que iam esperar-me no galpão em busca de sua ração. Ficamos amigos. Eles comendo e eu junto deles aquecendo-me do frio e aspirando o seu hálito adocicado, que se desprendia de suas grandes narinas. Além disso, durante o dia, nas idas e vindas entre os canaviais e o engenho, ia arrancando milho e feijão verde que encontrava na beirada dos caminhos para eles comerem durante o enchimento do carro. Creio que bois de carro nunca comeram tão bem como os bois Cara Preta, Ponta Grossa, Malhado e Lamacento. Eram possantes e combinavam-se no esforço comum, principalmente nas subidas e atoleiros. Eram cuidadosos, pacientes e mansos.

Em minha tarefa, o maior trabalho cabia mesmo à minha mãe, ou seja, o de acordar-me daquele sono profundo. Eu chegava quase sempre à noite e muito cansado. Arriava-me na esteira já dormindo. Minha mãe me punha no colo e lavava-me os pés, o rosto e às vezes, até me dava um banho completo. Contudo, eu não acordava. Mas o duro mesmo para ela era levantar-me de madrugada. Muitas vezes, eu tinha a impressão de ter deitado naquela hora. E minha mãe a chamar-me:

– Grilo! ô Grilo! Acorde meu fio! O galo já cantô quatro vêiz!

– Sim, mãe – respondia e continuava dormindo.

Lá vinha ela levantar-me. Sacudia-me delicadamente para um e outro lado até que eu abrisse os olhos. Lavava meu rosto, trazia-me o já costumeiro gole de

pinga e lentamente ia me empurrando até a porta de saída. Com muita brandura, docemente, empurrava-me para fora, dizendo:

– Vai, meu fininho. Tu é um hominho. Vai cum a graça de Deus.

Isto se repetia diariamente. Era o meu despertador infalível. E o galo era o despertador dela.

Meu pai, que trabalhava na pilagem do café, passou a trabalhar na quebragem do açúcar, que consistia em tirar o açúcar das cubas e quebrá-lo o máximo possível. Depois de quebrado, encher os vagões e empurrá-los para o sol, a fim de secar o açúcar e ensacá-lo depois. Tudo marchava bem. Um dia, porém, começou a chover. A chuva é inimiga do açúcar. Houve o corre-corre para recolher os vagões cheios de açúcar, antes que se molhassem. No último vagão, meu pai, que ia de lado, empurrando, ficou prensado entre o vagão que empurrava com os demais trabalhadores e a coluna do galpão. Foi retirado sem fala, vomitando sangue pela boca e pelo nariz, com cinco costelas e a clavícula direita fraturadas. Como socorro de urgência, pisaram um pinto vivo no pilão, coaram o ingrediente assim obtido e puseram o caldo do pinto na boca de meu pai, para que ele bebesse. Era a mezinha usada na época para tais acidentes. Logo depois chegou o senhor de engenho. Providenciou sua ida para um hospital de Recife, dada a gravidade do acidente. Só depois de adulto, tive notícia de sua morte. Ficamos órfãos de pai, praticamente. Minha mãe, que já liderava a família, assumiu dessa forma o controle absoluto.

A nossa vida continuava na rotina de sempre. O nosso roçado já nos fornecia milho e feijão-verde para comer. Já não éramos escravos do barracão e tínhamos pago todo o nosso débito ao senhor de engenho. Meu irmão Manuel Bezerra assumiu as funções de meu pai na quebragem e secagem do açúcar, minha mãe e minhas irmãs ficaram ocupadas no beneficiamento do café e os demais irmãos nos diferentes serviços do engenho.

O carregamento de cana estava no fim. O engenho ia parar a moagem. Os cortes de cana acabaram-se. Eu ia perder a profissão de ajudante de carreiro. Não andaria mais em cima de carro de boi, conversando com meu primo, recebendo suas lições de mestre carreiro. Meu sonho de futuro carreiro evaporou-se. Onde iria trabalhar? Como iria ser a minha despedida dos bois amigos? Perguntava, então, a mim mesmo: “Por que os bichos não falam? Se eles falassem eu lhes diria muitas coisas que eles não sabiam”. Lembrava de meu cavalo Passarinho, que também não falava. Mas entendia-me muito bem com ele.

Um dia antes de terminar o corte da cana, desdobrei-me no bom trato aos meus amigos bois. Quem sofreu foi o velho coronel de engenho. Dei-lhe um grande desfalque no paiol do milho. Em compensação, os bois engordaram admiravelmente.

No último dia de carregamento, pedi a meu primo para trabalhar só metade do dia. Perguntou-me:

– Pru quê? Tu tá doente?

– Não. Eu num quero é me despedi dos boi.

– Tem nada, não!

– Tem nada o quê, primo!

– Eles vai até gostá praquê vão discansá. Trabaiaram muito. Não, Grilo, dexo não. Nói começô junto e junto vamo terminá. Tu tá é cum pena deles, num tá?

Fiquei calado e fomos até a última carrada de cana que tive a honra de conduzir até o engenho. Foi o meu prêmio. E foi a minha despedida do carro e dos bois. Confesso que tive saudade do carro, dos bois, do galpão, do paiol de milho e do cheiro adocicado dos animais. Mas a grande saudade foi mesmo de deixar de trabalhar com meu primo, de seus ensinamentos de carreiro experimentado. Jamais brigou comigo. Tudo o que eu fazia achava bom. Nos primeiros dias de minha aprendizagem, dei uma furada de ferrão no boi Lamacento. Meu primo, em vez de censurar-me, aconselhou-me a não furar os bois com o ferrão, dizendo-me que eles sofriam dor como a gente, que eles só não reclamavam porque não sabiam falar. O que era pior do que nós. Exemplo: quando nós levamos palmadas ou bolos de palmatória, nós gritamos ou choramos para que alguém nos socorra; os bois não têm quem os acuda. Ao dizer isso, deu-me um beliscão e perguntou-me:

– Dói?

– Dói!

– Apôis bem; também dói neles si nós fura eles cum ferrão. Nói num deve fazê malvadeza cum os bichinho. Quando eles num qué combiná cum os outos, a gente guita e bate devagá neles cum a ponta da vara só pra dispetá eles, mode trabaiaá combinado cum os outos.

Foi uma boa lição para mim; lembrei-me dela até a nossa despedida dos canaviais e dos bois.

Passei a trabalhar com o filho do administrador do engenho. Era um ótimo rapaz. Minha tarefa era levantar-me muito cedo, ganhar os brejos para cortar capim e transportá-lo ao caminho para, junto com o “patrãozinho”, carregar no cavalo, levá-lo para a estrebaria e serrá-lo para os dois cavalos e os dois muares comerem. Limpar a estrebaria, o quintal da moradia do novo patrão, varrer sua casa e, ao meio-dia, ajudar a levar os animais ao rio para dar-lhes de beber e lavá-los também. Os patrões eram bons, principalmente o rapaz.

Um dia houve uma briga feia entre os cavalos e os burros. Coices, patadas e dentadas entre eles que causavam medo. Fiquei em pânico naquela confusão. Tentei apartá-los, mas um deles esmagou-me o dedão do pé esquerdo, arrancando-me a unha. Cheio de dor, tentei desviar-me. Fui jogado a alguns metros de distância, de encontro à parede da estrebaria. Meu jovem patrão, despertado pelos relinchos

dos animais, correu para apartar a briga dos valentões. Viu-me estendido no chão. Chamou sua mãe e levou-me para sua casa. Fizeram-me curativos no dedo esmagado, levaram-me para casa, pediram desculpas à minha mãe.

Fiquei doente alguns dias e logo depois recomecei minhas tarefas no trato dos animais, na limpeza da estrebaria, da casa e do quintal dos patrões, além do corte de capim nos brejos. Mas o dedão inflamado transformou-se numa ferida feia, dolorosa e fedorenta. Eu chorava de noite e trabalhava de dia. Foi um inferno para minha mãe, que trabalhava o dia todo beneficiando café e passava a noite comigo na vã tentativa de suavizar o meu sofrimento. Ao amanhecer, já estava no meu trabalho, cortando capim na lama dos brejos ou na limpeza da estrebaria ou no quintal lamacento dos patrões. Nessas tarefas, apesar do cuidado que eu tinha, constantemente me magoava. Ora dava topadas, ora um talo de capim entrava-me na ferida, ora eram os ganchos do ancinho que iam buscar o lugar dolorido, ora eram as raízes ou pedaços de arbustos que espetavam o dedo. Um azar dos diabos! Não podia ficar bom. Não tinha repouso, não fazia curativos higiênicos. Os lugares em que trabalhava eram infectos. Mas era obrigado a trabalhar para ganhar o meu salário de duzentos réis por dia para ajudar a comprar o “dicumê”, como dizia minha mãe. A ferida crescia, supurava e doía cada dia mais. Ensinaaram à minha mãe que ela devia colocar na ferida excremento ralado de gado ou de cabra. Não deu resultado nem podia dar. Por sorte, não me deu tétano! Depois ensinaaram a lavar a ferida com urina. Minha mãe mandava meus irmãos urinarem em cima do ferimento. Também não resolveu. Ensinaaram a colocar farinha mastigada com fumo e sal. O resultado também foi nulo. Depois apareceu um curandeiro para rezar e garantiu que ficaria bom. Quebrou os galhos de fedegoso, benzeu-se e benzeu-me a ferida, fazendo cruzeiros por toda parte, e concluiu dizendo que era um “feitiço” no dedo. Que era preciso raspar a ferida até sair o sangue bem vermelho e ofereceu-se para fazer a operação. Minha mãe negou-se, dizendo que eu não aguentaria e que era uma judiação. Ele insistiu:

– Só com a saída do sangue bem vermelho o feitiço sai!

Minha mãe rechaçou mais uma vez e lhe deu em pagamento da reza e da consulta uma prata de quinhentos réis.

Desgraçadamente, o curandeiro apareceu no domingo. Minha mãe tinha ido ao roçado. O charlatão convenceu os meus irmãos de que eu ficaria bom se ele fizesse a raspagem da ferida. Que doeria pouco e, logo que o sangue começasse a escorrer, passaria a dor, pois o “feitiço” sairia com o sangue. Meus irmãos pegaram-me, deitaram-me em cima de um banco, seguraram minhas pernas e braços, e o charlatão, com uma faca de picar fumo, começou a raspar-me a ferida. Eu berrava ferozmente e ferozmente mordi o curandeiro e meus irmãos, que desistiram da espúria operação. Nunca tive tanto ódio em minha vida atribulada! Minha mãe chegou e, como sempre, me fez curativo com água morna e umas gotas de iodo,

que meu primo arranjou não sei onde e como. Mamãe censurou os meus irmãos e, dessa vez, o curandeiro só ganhou as dentadas que lhe dei.

A ferida agravou-se depois da reza. Eu trabalhava com muita dificuldade. Era mesmo um sacrifício. Minha mãe compreendeu que eu não podia trabalhar. Muita febre e uma íngua me impossibilitavam de fazer qualquer trabalho. O patrão aceitou os argumentos de minha mãe. Fiquei em casa alguns dias até a febre sumir e as ínguas desaparecerem. Não passou muito tempo e voltei às minhas atividades. Um dia, estava limpando o quintal do patrão e os muares começaram a brigar outra vez na estrebaria. O filho do patrão foi despartá-los. Levou um coice na bunda, ficou estendido no solo. O patrão socorreu o filho e, em seu desespero, quase matou um dos animais brigões. Desgostoso com o acidente do filho e muito supersticioso que era, tomou o acidente como um aviso divino e disse à sua mulher:

– Vamo vendê os animais antes qui nos aconteça o pió... Outro dia foi o Grilo, hoje foi nosso fio Mané. Na terceira vez, pode sê a morte de um deles.

E vendeu os animais.

Fiquei trabalhando no roçado deles, arrancando feijão e quebrando milho, apanhando favas e fazendo trabalhos domésticos. Ainda com o salário de duzentos réis por dia. Tinha direito a uma refeição.

Minha ferida melhorou desde que deixei o trabalho da estrebaria e dos cavalos, apesar das topadas nos tocos do roçado.

Acabaram-se as colheitas de seu Zeca, como era chamado o patrão. Fiquei parado uns dias, o que foi bom, porque descansei um pouco e melhorei do dedão. Agora já dormia a noite toda. Nem minha mãe me acordava no terceiro ou quarto canto do galo. Nem era mais necessário o gole de pinga para dar-me coragem e espantar o frio.

Um dia, fui chamado à casa-grande do engenho para ajudar ao senhor Guilhermino, cargueiro do engenho, zelador da casa-grande, da horta e responsável pelo cavalo do coronel de engenho. Confessei a minha dúvida no trato do cavalo. Isso porque compreendia que cavalo de rico era rico também. Podia não dar conta do animal conforme os caprichos de seu dono. Todavia, o senhor Guilhermino prometeu orientar-me nas minhas obrigações e nos hábitos do velho coronel e de seus filhos, quando chegavam ao engenho nas épocas de férias, visto que estudavam na cidade de Recife.

Minha primeira tarefa era levantar-me de madrugada, ir aos brejos e cortar capim para transportá-lo à estrebaria da casa-grande. Limpá-la, serrar o capim em pedaços curtos e colocá-lo na cocheira para o cavalo comer. Às oito horas de cada dia, a estrebaria deveria estar limpa, lavada e bem enxuta e o cavalo deveria estar comendo. Essa era a ordem do patrão. Voltei a tomar o gole de pinga para criar coragem e espantar o frio e minha mãe voltou a acordar-me no terceiro ou quarto canto do galo. Ao chegar com o capim, o senhor Guilhermino arriava a

carga, tirava o cavalo da estrebaria. Eu a limpava, lavava, enxugava com um saco de linhagem. Serrava o capim em pedaços curtos e punha o cavalo a comer a sua primeira refeição. Às quatro horas da tarde, uma outra ração de milho e, à noite, mais uma ração de capim.

O cavalo não era mau, não mordida nem escoiceava, mas não gostava do meu velho chapéu de palha, de abas grandes e roído. O senhor Guilhermino aconselhou-me a tirar o chapéu quando entrasse na estrebaria porque o cavalo não gostava dele. Eu quis testar o conselho do homem, mais prático e mais experiente do que eu. De fato, notei que o cavalo não gostava do meu pobre chapéu de palha, roído nas beiradas. Quando eu entrava sem o chapéu na cabeça, o animal comportava-se muito bem, mas, quando eu entrava de chapéu na cabeça, o animal inquietava-se, batia com as patas no chão, arrebitava os beiços, fazia caretas e quase sempre encostava sua cabeça atrás da minha, tentando tirar o meu chapéu. Numa dessas manobras, o chapéu caiu, o cavalo pôs as patas em cima dele e aquietou-se; foi necessário dar-lhe um tapa na pata para tirá-la do chapéu.

Quando terminava a minha tarefa na estrebaria, ia trabalhar na horta, capiná-la, limpar os canteiros, afofá-los e pôr estrumes, cortar os galhos secos e velhos da roseira, depois irrigá-los quando não chovia. Ao meio-dia, largava o trabalho para dar água e lavar o animal no rio. Para isso, puxava-o para junto de umas pedras de regular altura ou para junto de uns troncos de madeira enfiados no rio, restos de uma velha ponte destruída pelo tempo. De volta, punha o cavalo na estrebaria e recebia o prato de farofa com uma migalha de bacalhau ou de charque para comer, bebia água e recomeçava o trabalho na horta até as quatro horas da tarde, quando largava para dar uma ração ao “fidalgo” animal. Como já disse, o cavalo era manso, nunca me pisou, nunca me mordeu ou me deu coice; eu o tratava bem, mas não tinha nenhuma atração por ele; nem mesmo simpatizava com ele, apesar de ser um animal muito bonito. Estava longe, muito longe mesmo do meu velho e querido Passarinho. Às vezes, fazia um certo esforço para gostar do cavalo, mas não havia jeito. Perguntava a mim mesmo: “Por que eu não gosto dele?”. Não sabia responder. Só depois de adulto poderia responder.

Um dia de sábado, o senhor Guilhermino disse:

– Grilo, num lava agora a estrebaria; tora primeiro o capim pra mode o cavalo comê, ele vai à estação do vapor de linha, pra trazê seu capitão Altuzinho, fio do seu curunê.

Como sempre, o velho coronel de engenho fez sua festinha em homenagem ao filho; até eu beneficiei-me com um prato de farofa com arroz e carne de porco. Jamais havia comido arroz, com meus sete anos de idade. “Eita comidão gostoso!” Mordi a língua, tamanha foi a minha gulodice.

Com a chegada do filho do velho latifundiário, famoso pelo seu baixo caráter e truculência, as famílias que tinham filhas moças ficaram preocupadas, afinal, era habituado a violar e desrespeitar as mocinhas. Minha mãe não teve dúvida e disse:

– Mió evitá diquê arremediá.

No dia seguinte, minhas irmãs foram para o sítio de minha avó em Panelas de Miranda.

No domingo, depois de sua chegada, o tarado capitão Artuzinho embocou casa adentro; foi parar na cozinha, onde estava minha mãe, e perguntou:

– Onde andam suas filhas? Vim visitá-las!

Minha mãe humildemente respondeu que tinham ido tratar da avó que se achava doente. O tarado capitão saiu sem dizer nada, mas ficou marcando a minha mãe.

O velho latifundiário estava dando os últimos arranjos para viajar para Recife e deixar o filho dirigindo o engenho. Foi grande o desassossego. As famílias que tinham moças foram embora. O tarado era louco por jovens. Sua fama era triste. Como no engenho só existia plantio e capinagem, não fizeram falta ao trabalho as famílias que se mudaram. O velho tinha consciência disso e viajou sem maiores preocupações.

O primeiro ato do Artuzinho foi contra minha mãe: cortou-lhe o fornecimento do barracão e ordenou-lhe tirar toda a lavoura do nosso roçado. Minha mãe ponderou que foi o velho senhor de engenho quem mandara plantar o mandiocal, o algodão, as batatas e as macaxeiras. Ele prepotentemente respondeu:

– Quem faz filhos na mulher dos outros não tem direito aos filhos!

Acrescentou que quem mandava no engenho era ele e não aceitava réplicas e que, dentro de cinco dias, soltaria o gado na lavoura. Minha mãe disse-lhe:

– Num dianta nói tirá nada, tá tudo verdinho; voismecê pode sortá seu gado inté hoi memo. Mai tem Deus pá mi dá, seu capitão.

Ele cumpriu a promessa. Mandou soltar o gado e lá se foi a nossa roça, que muito suor nos custou. Meus irmãos, revoltados, pediram as contas para irem embora, porém o administrador persuadiu-os a ficar, disse que era uma situação provisória, que o coronel não concordaria com o filho e seria capaz de indenizar os prejuízos. Minha mãe aceitou os conselhos do administrador do engenho.

O jovem latifundiário, não encontrando “pasto para comer”, mandou buscar sua amante, que morava num sítio perto do seu engenho. Era uma moça bonita, distinta e humana; filha de um casal de camponeses arrendatários, ela conhecia bem a vida dos trabalhadores agrícolas por sua origem camponesa. Fora seduzida por seu amante atual e conhecia de sobra a sua malandragem em relação às filhas dos trabalhadores. O fato é que ela se tornou senhora de engenho e foi morar na casa-grande.

Eu continuava com as tarefas de sempre, ganhando um salário de duzentos réis por dia, com direito a duas refeições diárias: uma ao meio-dia e outra à noite,

após dar a última refeição ao cavalo. Foi uma ajuda da jovem patroa, que simpatizou com a minha cara e sobretudo com o meu trabalho, principalmente no serviço da horta, que agora se chamava jardim. Ela era louca pelo jardim e muito me ajudou nas tarefas de jardineiro mirim. Ela conhecia a técnica de jardinagem e horticultura e deu-me boas lições. Jamais vi, em toda a minha vida, uma criatura gostar tanto de flores como minha jovem patroa. Ela me estimulava, dizendo:

– Vamos caprichar no jardim do coronel, ele gosta muito de flores, principalmente das roseiras; quando ele voltar, vai achar um encanto e talvez obrigue o filho a reparar o mal que me fez.

Só depois vim a saber qual o mal que seu capitão Artuzinho lhe tinha feito.

Um dia, o senhor Guilhermino contou-lhe que o cavalo não gostava de meu velho chapéu de palha, roído nas beiradas. Ela não acreditou. Pediu-lhe que, quando eu entrasse na estrebaria com o chapéu na cabeça, ele lhe comunicasse, que ela queria ver a reação do animal.

Propositadamente, no dia seguinte, o senhor Guilhermino atrasou a chegada da carga de capim. Eu fiquei afobado porque estava na hora de o cavalo comer. Entrei na estrebaria de chapéu e tudo e comecei a cerrar o capim. O animal ficou irrequieto, bateu com as patas no solo, arrebitou os beiços, mostrando os dentes, esfregou sua cabeça atrás da minha até o chapéu cair no chão. Pisou-o com as patas e rasgou-o com os dentes. Não fiz nada contra o animal, mas fiquei furioso a ponto de não respeitar mais o regular tamanho dos pedaços de capim: daí para a frente, não tive mais o devido cuidado como antes. Foi a única vingança que tomei contra o cavalo, o que, aliás, não lhe causou nenhum efeito.

Minha patroa assistia à cena. Riu-se muito com as astúcias do animal. Terminei o meu trabalho na estrebaria, fui para o jardim e comecei a trabalhar. Quando o sol esquentou, ela me disse:

– O sol está muito quente, Grilo, vá buscar o chapéu.

Fiquei silencioso. Ela repetiu a ordem:

– Ponha o chapéu na cabeça, menino!

Respondi:

– O cavalo rasgou meu chapéu.

– Como? O cavalo rasgou seu chapéu?

Fiz uma cara de choro. Ela riu-se e falou:

– Tem nada, não, Grilo. Dou-lhe outro chapéu.

E alisou-me a cabeça. Fiquei bestificado com a senhora do engenho, não só pela promessa de um chapéu novo mas sobretudo pelo carinho que me fez. Ganhou-me para todas as tarefas, tinha um escravo à sua disposição, tal foi a minha gratidão.

Alguns dias depois, às sete horas da noite, depois de dar a última ração ao cavalo, lavei as mãos e fui jantar o meu prato de feijão com uma migalha de charque; comi o feijão puro e guardei a migalha de charque para levar para minha mãe; era

o meu hábito desde que passei a trabalhar e comer na casa-grande do engenho. A empregada, vendo-me esconder a carne dentro da camisa, foi comunicar à dona Bertolina. Ela mandou me chamar e perguntou o que eu tinha escondido no interior da camisa. Respondi-lhe, medrosamente e envergonhado, que não tinha nada dentro da camisa. Ela insistiu e mandou-me levantar a camisa, o que fiz, já chorando. Descobri-lhe o taco de carne preso entre o cordão que amarrava a cintura à guisa de cinto. Ela pasmou e já lacrimejando perguntou-me:

– Por que não comeu a carne, Grilo?

Respondi-lhe que preferia levá-la para minha mãe.

Ela suspendeu-me e beijou-me, chorando, e disse:

– Coma, meu filho, eu também tenho mãe. Coma a sua carne, que eu mando um pouco para sua mãe.

Eu comi. Ela mandou carne, farinha e feijão para minha mãe, de quem ela já gostava pelo seu modo de vida. E minha mãe gostava dela pela maneira como me tratava, e agora mais ainda, porque via no presente que recebera não só uma prova de solidariedade, mas sobretudo de uma sólida amizade.

No domingo à tarde, ganhei o meu chapéu das mãos da senhora de engenho. Não é necessário dizer o meu contentamento. Beijei-lhe as mãos e ela me disse:

– Que o cavalo não lhe coma o chapéu!

Eu é que nunca mais entrei com chapéu na estrebaria.

Acabara a safra do café. Minha mãe ficou parada. Agora somente eu e dois irmãos mais velhos trabalhávamos. Ia piorando a nossa vida. Alguns dias depois, minha mãe foi chamada à casa-grande. Dona Bertolina queria limpar a chácara e tosar as árvores frutíferas; ofereceu o serviço à minha mãe, que o aceitou com muita alegria. A chácara era grande e estava muito suja. As fruteiras estavam muito maltratadas e cheias de galhos secos. Minha mãe mobilizou a filharada e em poucos dias a chácara estava limpa. Meus irmãos mais velhos, aos domingos, tosaram os galhos secos e velhos. A chácara ficou pronta em poucos dias, muito antes do que o administrador esperava e também o latifundiário. Foram dezesseis dias de trabalho, de manhã à noite. A senhora mandou abonar vinte dias de trabalho devido ao trabalho extra de meus irmãos aos domingos. A casa-grande, o jardim, a horta, as cabras, os carneiros e os galináceos eram da atribuição da senhora de engenho. Era sua economia doméstica. O prestígio de minha mãe aumentou muito nos assuntos domésticos da casa-grande não só por sua colaboração em horas de aperto como também pelo gesto de minha mãe de mandar suas filhas para o agreste, livrando-as da cobiça do barba-azul latifundiário.

O senhor Guilhermino ficou bom. Recomeçou suas tarefas. Fiquei desempregado. E o pior é que não havia trabalho no engenho para mim nem para meus irmãos pequenos.

O meu dedão, ainda em ferida devido à falta de repouso e ao trabalho na estrebaria, à lama dos brejos, tirando capim para o cavalo, iria melhorar com meu repouso forçado. O senhor Peregrino, sabendo de nossa situação e com a intenção de ajudar, foi a nossa casa e pediu à minha mãe um dos filhos para fazer companhia a sua esposa, que vivia sozinha. Minha mãe mandou que ele escolhesse qual de nós preferia. Escolheu a mim. Esperneci, chorei para não ir; não queria deixar minha mãe, tampouco meus irmãos, mas tive que ir. Saí louco de raiva do pobre homem, que era uma boa criatura, mas eu tinha medo dele e não queria abandonar a família.

Era noite escura quando partimos. Levei logo uma topada no dedão da ferida, saiu muito sangue, que se misturou com a lama do caminho. Tive febre e íngua à noite, não dormi e chorei muito, deitado em cima de um banco, sem um agasalho. A casa era toda aberta. Amanheceu o dia, a dona da casa me deu um prato de xerém de milho, somente com água e sal e nada mais. Cerca de dez horas me mandou mudar a cabra. Voltei, nada mais tinha a fazer. A mulher não falava comigo, éramos duas pessoas mudas. O local era feio e desolador. Não passava vivalma. Era uma tristeza de enlouquecer. A tardinha e a noite completavam a solidão de duas pessoas que vegetavam angustiosamente à mercê do tempo. O dono da casa chegava tarde da noite e, às vezes, mesmo entre eles não havia conversa. Ele engolia seu prato de xerém e pisava outro para o dia seguinte. Somente ele tinha duas refeições por dia: uma quando chegava e outra de madrugada, quando partia para vigiar os bois. Ele tinha sido escravo e continuava pior que escravo. Tinha saudade da escravidão porque, segundo ele, naquela época comia carne, farinha e feijão à vontade, e agora mal comia um prato de xerém com água e sal. E, no tempo de escravo, além da carne, da farinha e do feijão, tinha munguzá, xerém, beiju, tudo feito com muito leite de coco. Seu trabalho era de vigia pelos limites do engenho e exercia o cargo de inspetor de quarteirão. Podia prender, desarmar e espancar os trabalhadores, se assim o quisesse: era a autoridade do engenho. Daí o seu grande aparato bélico; parecia uma fortaleza ambulante. Era um preto retinto, porém de alma branca, respeitador, pacífico e humano. Era incapaz de fazer mal a quem quer que fosse. Mas uma coisa eram as suas boas qualidades, outra coisa era sua vivência doméstica.

Cada dia eu ficava mais constrangido. Isolado de minha família, principalmente de minha mãe. Não conversava, tampouco trabalhava. A saudade roendo-me o coração, tinha vontade de morrer. A cabeça doía-me, a ferida e o frio não me deixavam dormir. Só ouvia o cantarolar dos grilos, tinha raiva de meu apelido. Chamava de cão a quem me pôs tal nome. À noite, quando dormia alguma coisa, sonhava que estava junto com minha família, comendo carne, feijão, tomando café com leite e pão; eram deliciosos os meus sonhos! Acordava com mais fome. Seis dias depois, não podia mais tolerar a solidão, a tristeza, o isolamento de meus familiares e a angustiada saudade de minha mãe. Fugi.

Cheguei em casa, abracei-me com minha mãe, contei-lhe chorando a situação em que me encontrava, que ela podia sorrir-me como quisesse, mas eu não voltaria à casa do senhor Peregrino. Minha mãe, ao contrário do que eu pensava, esquentou água, deu-me banho, arranjou-me um pouco de comida, matou-me a fome. Fez-me curativo na ferida e disse:

– Num sai mais fio de minha casa, pode morrê tudinho de fome, mas de casa num sai mai nenhum.

Eu tinha emagrecido, não só em consequência da fome, mas também pela tristeza e o desgosto que sofri. Minha mãe deitou-me, cobriu-me com uma coberta arremendada, porém limpinha e cheirosa. Dormi a noite toda até o meio-dia seguinte.

Eu queria fazer de tudo para ajudar minha mãe. Apesar de minha idade, compreendia o seu sacrifício e a sua ansiedade por todos os seus filhos, para vê-los crescidos, sadios e felizes, o que seria a sua própria felicidade. Infelizmente, uma coisa era o meu desejo infantil de ajudá-la, outra coisa era a dura realidade da vida. A verdade era que as coisas iam piorando dia a dia para o nosso lado. A fome ia penetrando cada vez mais em nossa casa, principalmente agora, quando terminara a derrubada das matas. Só tínhamos um irmão trabalhando para doze pessoas comerem. Para aliviar a situação, vivíamos pescando de anzol, de puçás e de jereré, mas isso não resolvia o nosso problema, mesmo porque havia dias em que os peixes colhidos não chegavam sequer para uma modesta refeição. Lá uma vez por outra fazíamos pequenos biscates, mas tudo era paliativo.

Meu irmão Manuel Bezerra de vez em quando matava um coelho, um preá, porque dispunha de uma velha espingarda. Passava os dias pelos matos e nas margens dos rios; um dia, descobriu, perseguindo um coelho, um mandiocal abandonado e afogado dentro de um grande matagal. Examinou cuidadosamente, em diversos lugares, verificou que as mandiocas estavam sadias e que eram de excelente qualidade. A terra era muito frouxa. Percorreu todo o mandiocal, arrancou algumas mandiocas e levou-as para casa, para pô-las na água e fazer mingau de massa puba. Contou à minha mãe e aconselhou-a a falar com o administrador do engenho, disse-lhe que ela pedisse para limpar o mandiocal ou desmanchá-lo em farinha, o que seria muito rendoso.

Minha mãe falou com seu Zeca, o administrador do engenho. Pediu-lhe para cultivar o mandiocal ou desmanchá-lo em farinha, que daria a metade da produção. Seu Zeca disse que não podia decidir por sua conta e que o senhor do engenho não se interessaria pelo mandiocal, porque não era rentável, mas aconselhou minha mãe a falar com dona Bertolina para ela pedir ao marido o mandiocal para desmanchá-lo em farinha por sua conta, sem ônus para o engenho. Dona Bertolina falou com o

marido para aproveitar o mandiocal que estava abandonado dentro dos matos. Ele consentiu, condicionando deixar a terra limpa, em condições de ser plantada. A senhora de engenho mandou chamar minha mãe e expôs as condições do marido. Minha mãe aceitou, pedindo-lhe que lhe fornecesse o carro de boi para transportar as mandiocas e a lenha para torrar a farinhada, o que também foi aceito.

Minha mãe mobilizou a filharada. Caímos no mandiocal, os mais velhos arrancando as mandiocas, os mais novos e mais fracos amontoando-as e o carro de boi transportando-as à casa de farinha. Minha mãe organizou um pequeno mutirão de dezesseis mulheres para raspar as mandiocas; contratou quatro trabalhadores para puxar a roda e prensar a massa das mandiocas moídas, duas mulheres para moer as mandiocas no caititu ou rodete, como muitos chamam, meu primo e minha tia Idalina para ajudá-la a peneirar a massa, enquanto meu irmão mais velho, juntamente com meu primo, se encarregavam de torrar a farinhada, pois eram tidos como os melhores farinheiros do engenho. Minha mãe e minha tia se responsabilizaram pela peneiragem da massa; e nós, a garotada miúda, ficamos encarregados da roçagem do matagal, de tocar fogo, encoivarar, arrancar os tocos que não haviam sido destruídos pelo fogo.

O fato é que entregamos a terra limpa e bem preparada para receber o plantio de cana ou de outras plantações. Foram gastos dezesseis dias na farinhada. Rendeu 54 sacas de farinha de 60 quilos, o que causou profunda admiração até no tatuíra Artuzinho e no seu Zeca, o administrador do engenho. Minha mãe deu 27 sacas de farinha a dona Bertolina e das suas 27 sacas dividiu: oito para os puxadores e prensadores; duas para as cevadoras; três para minha tia e meu primo, que trabalharam do princípio ao fim; seis sacas para as quinze mulheres do mutirão, que raspam a mandioca. Ficamos com oito sacas. Vendemos três para comprar mantimentos, inclusive feijão, milho, sabão, sal e querosene.

A senhora de engenho foi muito compreensiva. Durante os cinco dias de serão, ela mandava diariamente jantar para dez pessoas que trabalhavam à noite. Foi sua contribuição. Em compensação, ganhou 27 sacas de farinha que lhe valeram alguns cobres com que não contava; e o tatuíra ganhou gratuitamente a terra bem preparada para receber as plantações de cana ou de qualquer outra lavoura, sem despende um real.

Nós ganhamos boas amizades e mantimentos para muitos dias e ajudamos muitas pessoas, tão necessitadas quanto nós. Foi uma feliz iniciativa, que beneficiou muita gente. Além de tudo, ficamos com toda a goma da mandioca para comermos tapioca durante semanas. Minha mãe deu um presente de mais de cinco quilos de goma a seu Zeca, o qual insinuara a minha mãe que falasse com dona Bertolina, e ele só não ganhou um pouco de farinha porque tinha de sobra. Minha mãe não esqueceu o bom homem, “o preto de alma branca”, o Peregrino, que, apesar de eu ter fugido de sua casa, continuou nosso amigo.

Agora, com farinha abundante para algumas semanas, um pouco de milho, de feijão, sabão, sal e querosene, já podíamos nos dedicar com mais audácia às tarefas de pescaria, enquanto não recomeçasse o trabalho no engenho. E assim abolimos as pescarias de anzol, de puçá e jereré, que eram nossos instrumentos de pesca – que muito pouco nos rendiam devido à escassez de peixe. Fizemos uma boa tarrafa, resolvemos adotar um método mais audacioso de pesca. Para isso confeccionamos também uma rede de malhas de forma retangular, com mais de seis metros de comprimento por oitenta centímetros de largura. Com esses dois instrumentos de pesca, resolvemos fazer barragens nas bifurcações dos rios onde pescávamos.

Nosso método era muito simples, porém muito trabalhoso. Nos rios onde havia bifurcação, examinávamos os locais onde se bifurcavam e fazíamos uma barragem no curso menor, forçando as águas a voltar para o curso maior. Para isso, fincávamos algumas estacas no curso menor e as entrelaçávamos de cipós e ramos de matos; com enxadas e pás, tirávamos blocos de barro massapê da margem inferior do curso superior. Esses blocos de massapê iam sendo colocados cuidadosamente na barragem do curso inferior do rio. À medida que íamos tirando o barro de um para outro lado, o rio ia subindo e as águas iam voltando para o curso superior, que se transformava numa verdadeira correnteza, facilitando assim a construção da pequena barragem e o secamento de todo o leito do curso inferior. A rede retangular que construímos, nós a colocávamos de um lado a outro do rio, pouco antes da junção dos dois cursos, para evitar a saída dos peixes, à medida que o pequeno rio ia secando. A quantidade de peixe dependia da extensão do curso seco e também da quantidade de poços d'água e do seu volume. Quando a poça era volumosa, jogávamos a tarrafa e pegávamos todos os peixes; os que ficavam nas pequenas poças pegávamos com a mão, e era um grande prazer para todos nós. Mas, em geral, eles se refugiavam nas grandes poças, onde as águas, sendo paradas, lhes ofereciam mais segurança. Quando eram arrastados pela correnteza do rio, iam parar na rede previamente colocada de uma a outra margem, ficando a debater-se na areia ou enganchados nas malhas da rede.

O rendimento de nossa pescaria dependia da extensão do curso d'água e da quantidade de poços existentes em seu leito. Às vezes, pegávamos peixe que dava para comer uns doze dias; às vezes, o que colhíamos não chegava sequer para uma modesta refeição. Todavia era uma forma de fazermos alguma coisa e arranjar a mistura para o pirão ou para o feijão, como nos dizia a nossa mãe.

Espalhou-se uma notícia de que o engenho ia reiniciar seus trabalhos. Os trabalhadores prepararam-se para tão alvissareira notícia. Um dia, pela manhã, o velho pedaço de trilho, à guisa de sino, badalou fortemente, chamando a massa trabalhadora ao pátio do engenho. Vieram todos munidos de seus instrumentos de trabalho. Qual não foi sua surpresa ao se defrontarem com o capitão Artuzinho, que lhes ordenou voltarem às suas casas, recolherem suas ferramentas e virem

armados do que possuísem para darem caça a um ladrão de cavalo que, segundo ele, estava refugiado nas matas de seu engenho. O rebanho foi dividido em turmas comandadas pelo administrador, seu Peregrino, e saiu em busca do homem. Felizmente, meus dois irmãos maiores estavam conosco na pescaria e só à tardinha, quando voltamos, nossa mãe nos contou o acontecido.

Eles acharam o tal homem acusado de roubar cavalos. Trouxeram-no; foi interrogado pelo tatuíra; negou e jurou que não era ladrão. Podia provar com o dono do engenho de Cabeça Dantas, mas o tatuíra Artuzinho não quis acreditar. Mandou açoitá-lo com cipó de boi. O desgraçado do homem ajoelhou-se, pôs as mãos para o céu, pediu ao senhor do engenho que, “pelo bem que queria a seus pais”, não o espancasse tanto, que não era ladrão, nunca havia roubado, que era um homem trabalhador. E mostrava as suas mãos calosas do cabo da enxada, da foice, do machado. Mas o latifundiário era impiedoso: quanto mais a vítima lhe suplicava e pedia em nome de Deus e da Virgem Maria Santíssima, mais e mais cipó de boi rompia o couro do seu corpo. O tatuíra, de pé, calçado de botas, chibata na mão, pistola na cinta à vista de todos, chapéu de abas largas na cabeça, fumando charuto, ordenava o massacre. O cipó batia nas costas, no peito, na barriga, nas pernas e nos braços do homem. O sangue espirrava por toda parte do corpo. Ele já não suplicava nem gritava, roncava cavernosamente. As mulheres, chorando apavoradas, iam se retirando, acompanhadas por seus maridos ou filhos. Minha mãe trancou meus irmãos dentro de casa e puxou-me pelo braço até a casa-grande, onde pediu de joelhos a dona Bertolina para interceder junto ao seu marido em favor do desventurado homem. Ela vacilou, mas, diante das súplicas de minha mãe, foi pedir ao marido para suspender o bárbaro espancamento. O marido, antes que ela falasse, perguntou-lhe:

– Que vem fazer aqui? Lugar de mulher é em casa. Retire-se!

Infelizmente, por não ser casada, não tinha nenhuma autoridade sobre o marido; tinha-lhe um pavor dos diabos. Retirou-se envergonhada e chorando. Minha mãe disse:

– Chore não, muié; a senhora amostrou qui tem coração.

Quando anoiteceu completamente e o povo tinha se recolhido às suas casas, ele suspendeu o suplício. Mandou dar um banho com água e sal na sua vítima, que era uma verdadeira posta de sangue. Esta já não se movia, nem falava, apenas respirava fracamente. Mesmo assim, ordenou aos seus capatazes que o pusessem no tronco de pés e mãos atados. No dia seguinte, ninguém o viu e não se teve mais notícia de seu paradeiro. Confesso que fiquei tão profundamente impressionado que sonhei muitas vezes que estava vendo e ouvindo aquele vulto humano, horivelmente sangrando e deformado, e seus gritos cruciantes implorando piedade a um homem de pé, calçado de botas, chibata na mão, pistola na cinta e fumando charuto. E, no sonho, olhava para um e para outro, sem saber o porquê de um homem rico ter

o direito de bater num homem pobre que lhe pedia clemência. Quando acordei, contei a minha mãe o sonho que tivera; ela respondeu-me:

– Tu viu o home panhando, gritando e ficou nos miolo de tua cabeça os grito e o sangue dele. Pro mode isso é que eu num gosto qui meus fio veja essas coisa ruim, qui só selve pra atazanar o juízo dos minino novo de pouco juízo.

Não entendi a explicação de minha mãe, mesmo porque eu não sabia o que era juízo, tampouco os miolos da cabeça; todavia iria ver coisas mais cruciantes, mais dolorosas naquele engenho, já em mãos de outro senhor feudal, mais bandido e mais cruel do que seu antecessor. O velho Magalhães, que era a esperança do povo, havia chegado. Até minha mãe e meus irmãos tiveram a ilusão de serem indenizados dos prejuízos de nossa lavoura, destruída pelo gado do latifundiário, por ordem de seu filho, capitão Artuzinho. Mas a grande esperança dos trabalhadores fora frustrada, com a notícia já concretizada de que o engenho seria arrendado a outro senhor feudal, chamado Joaquim Campos. Dona Bertolina, esposa provisória do capitão Artuzinho e ocupante da casa-grande, em lágrimas, arrumava seus haveres para voltar à casa de sua genitora, uma vez que o capitão não a levaria para Recife, para não envergonhar a família. Era esse o seu argumento. Mas o pior mesmo para os habitantes do engenho foi a notícia concretizada do arrendamento do engenho ao mais cruel dos latifundiários existente naquela vasta região sulina do Estado de Pernambuco.

O fato é que o velho coronel Magalhães, pai do já célebre e criminoso Artuzinho, não confiando em sua capacidade para gerenciar o engenho, preferiu arrendá-lo ao comparsa Joaquim Campos, homem cruel, frio e covarde, que assumiu a posse do engenho em dezembro de 1907. Mais de dois terços dos habitantes, apavorados com o novo dono, mudaram-se para outras bandas, longe do engenho Brejinho e de seu dono. Como havia uma dura estiagem na zona agrestina, minha mãe resolveu ficar por algum tempo, até caírem as primeiras chuvas. Contudo mandou que os filhos mais velhos fossem preparando o roçado.

Antes do Natal, o velho coronel e seu filho Artuzinho deixaram o engenho e o novo ocupante era o dono da casa-grande, do engenho e de tudo, inclusive dos habitantes. Logo nos primeiros dias de janeiro de 1908, o senhor Joaquim Campos confirmou tudo o que dele se dizia, a respeito do seu bárbaro procedimento. Isso porque chegou ao seu conhecimento que um pobre homem, seu morador, estrangulado pela fome porque estava parado havia muito tempo, cortara uma cana sem a sua autorização. O cruel senhor do engenho chamou o homem e perguntou-lhe por ordem de quem havia chupado a cana. A desventurada criatura respondeu que estava com muita fome, por isso cortara a cana para chupar, mas a pagaria assim que comesse a trabalhar; não sabia se tinha sido proibido chupar cana no engenho, porque antes era permitido. O tatuíra, como resposta, mandou amarrá-lo no mourão da casa-grande, lubrificá-lo com mel e ordenou a seu capataz pôr o gado

para lambê-lo. Dentro de poucos minutos o homem começou a gritar e a pedir por Deus e por todos os santos que o sádico tatuíra o libertasse, que ele passaria o resto de sua vida trabalhando de graça para ele, mas que lhe perdoasse, tivesse comiseração dele, o livrasse de semelhante suplício. Pouco tempo depois, o homem era uma pasta de carne. O sangue escorria, o gado lambia-o e ele ainda implorava o perdão do bandido latifundiário. Este, desgraçadamente, tinha um coração de tigre e, como o seu comparsa Artuzinho, fumando charuto, de chibata na mão, calçado de botas e chapéu de abas largas na cabeça, não ouvia as súplicas do desventurado trabalhador; como o outro parceiro, queria demonstrar sua autoridade perante os moradores, que em pânico, eram obrigados a assistir àquela revoltante cena, para tomarem como exemplo. Mas ainda não estava no fim. O tatuíra, insatisfeito, mandou afastar o gado e desamarrear sua vítima, que estava em carne viva. Ordenou novamente lubrificá-lo com mel e prendê-lo no tronco de pés e mãos, para as formigas darem conta do resto. E deram. No dia seguinte, o homem amanheceu morto, transformado num grande formigueiro. Esse crime apavorou os habitantes do engenho.

Nesse mesmo dia, minha mãe despachou um de meus irmãos para ir à casa de vovó pedir-lhe que a mandasse buscar, que não podia ficar naquele inferno nem mais uma semana.

De fato, cinco dias depois, estávamos viajando rumo ao sítio de vovó, em Panelas de Miranda, de onde havíamos saído, acossados pela seca em dezembro de 1904. Desgraçadamente, nessa viagem deu-se o drama mais trágico e doloroso de minha vida de criança e de todos os meus irmãos. Como sempre, saímos de madrugada do engenho Brejinho. Minha mãe montada no velho cavalo Passarinho com quatro irmãos mais novos dentro de dois garajaus, dois de cada lado. Tudo marchava bem. Ao amanhecer, tínhamos andado quase três léguas, ou seja, oito quilômetros. Duas horas depois, passamos um pequeno rio. Minha mãe apeou-se, bebeu água, lavou o rosto para refrescar-se. Foi infeliz: resfriou-se; dela se apoderou uma forte dor de cabeça, sentiu uma moleza em todo o corpo. Supúnhamos que se tratasse de um ligeiro cansaço, forramos o chão com uma coberta, ela deitou-se para não se levantar mais. A dor de cabeça e a moleza no corpo aumentavam assustadoramente. Começou a sentir uma forte dor nas costas. Seu corpo esquentava mais e mais. Parte da caravana tinha se adiantado, já tendo alcançado o sítio de Lajedo. Começaram a esperar, todavia não chegávamos. A nossa carga mais preciosa não podia andar. Meus tios improvisaram uma maca, puseram-na dentro e fomos lentamente a conduzi-la até chegar ao sítio do Lajedo, onde encontramos a nossa caravana.

Arranjamos um pouso com um casal que era tão pobre quanto nós. Sua casa não passava de um rancho, todo aberto dos lados. O único móvel era uma cama de varas do casal além de três trempes de pedra, que serviam de fogão. Como alimento, possuíam apenas algumas batatas-doces totalmente deterioradas. O casal cedeu sua cama de varas para minha mãe e fez outra para eles. Mais uma vez, funcionava a

solidariedade inata de camponês para camponês. A nossa caravana partiu, ficando minha mãe, minha irmã Isabel e eu, que não queria separar-me dela, a joia mais querida da minha vida. Quando pedimos pouso, o casal respondeu:

– Quando Deus manda, é pra todos; a casa é piquena e vancês são muito, num cabe tudo, mas nói vai à mata tirá madeira e cortá paia de palmeira e aumentamo nossa casa.

Meus tios agradeceram-lhe, dizendo que o pouso seria apenas para três pessoas: minha mãe, minha irmã e eu. Depois que a caravana partiu, minha irmã me chamou e disse:

– Meu fio, tá ruim! Nossa mãe tá doente, não tem nada pra fazê, um cardo para ela bebê, ela num pode comê essas comida que nós traiz, se ela tomá um cardo de galinha e mezinha podia fica boa intê o fim da sumana. Tu tem corage de ir buscá uma galinha e mezinha na casa de nossa tia no engenho Brejinho? Se tu vai, nossa mãe fica boinha.

Não tive dúvidas. Eu amava minha mãe, estava disposto a tudo, queria ser útil a ela, era uma oportunidade que eu tinha para demonstrar-lhe o grande amor que lhe tinha, mesmo porque eu tinha certeza de que, se ela conseguisse engolir um pouco de alimento e um pouco de remédio, ficaria boa.

Parti de volta ao Brejinho. Já tinha andado quatro léguas, ia andar mais oito, quatro de ida e quatro de volta. Mas a saúde de minha querida mãe estava acima de qualquer sacrifício. O grande problema que sentia era o medo das almas, de zumbi de cavalo, de caiporas, de índios e do saci. Essas superstições me foram incutidas na cabeça desde o início de minha vida e, quanto mais crescia, mais ouvia falar nessas coisas. Contudo, tinha que reagir contra o medo, que era mil vezes maior do que eu. Só o amor que dedicava à minha mãe e o desejo de contribuir para o seu restabelecimento foram capazes de forçar-me a enfrentar todas as superstições, tão nocivas, não somente a mim, mas a todas as crianças. Do sítio do Lajedo, onde estava minha mãe, até o engenho Brejinho, tinha nada menos de cinco cruzeiros na margem do caminho, onde forçosamente eu teria de passar. Essas cruzeiros eram de pessoas que morriam de repente, ou assassinadas. Como me diziam que as almas do outro mundo pegavam crianças e velhos, bem como os zumbis de cavalo, os índios e os sacis, tudo isso se apoderou do meu pensamento, principalmente na volta, com a escuridão da noite.

Cheguei mais ou menos às oito horas da noite em casa de minha tia, que já se preparava para dormir. Quando bati na porta chamando-a, ficou surpresa, supôs que eu tivesse fugido; dei-lhe o recado de minha irmã sobre a doença de minha mãe e transmiti o pedido de uma galinha e da mezinha. E acrescentei-lhe mais algumas explicações, nos limites de meu pobre vocabulário. Minha tia, admirada de tudo, esquentou água, deu-me um banho e depois um pouco de comida. A seguir, forrou uma esteira para dormir.

– Não, tia, não posso dormir. Tenho de voltar hoje mesmo, minha mãe tá muito mal.

– Tá louco, menino? Num tá vendo que não te deixo sair a estas hora? Drome e amanhã sai cedinho. Tua mãe não vai morrer por isso não.

Insisti, chorando, ela não teve jeito de me deter. Mandou pegar duas galinhas no poleiro, amarrou-as pelas pernas, pôs no meu ombro, uma para a frente outra para trás e colocou na minha mão um vidro de remédio, preso a meu punho por um cordão. E disse:

– Vai cum Deus, meu fio. Que nossa mãe Maria Santíssima te acompanhe.

Saí. Enquanto estava nas terras do engenho Brejinho, vinha mais ou menos, mas, à medida que ia me alongando, mais o medo se apoderava de meu pensamento. Mais adiante, já estava arrependido de não ter ficado para dormir. Mas pensava em minha mãe, apalpava o vidro de remédio, criava ânimo e continuava a marcha. E aí começava a pensar em almas, caiporas, em zumbis de cavalo, em índios e no saci. O medo aumentava. Os cabelos arrepiavam-se, o chapéu subia na cabeça, puxava-o para baixo, as galinhas gritavam, porque sem querer apertava-as, supondo serem os objetos de minhas superstições. Corria até não poder mais de cansado. Quando começava a andar, só tinha vontade de deitar-me, porém mais sossegado, lembrava-me de minha mãe, apalpava o vidro de remédio, alisava as galinhas e, com a ilusão de ver minha mãe boa, criava novo alento e continuava a marcha na escuridão do caminho. Furando os pés, dando topadas, me arranhando nos matos quando me desviava do caminho devido à escuridão; só voltava porque os garranchos rasgavam a cabeça das galinhas e o seu corpo, elas gritavam, eu me assustava e retomava o caminho. De repente, desprendia-se um galho seco das árvores, caía no folharal da mata, provocando um eco que assustava as galinhas. Elas gritavam, eu corria de medo até cansar. Às vezes eram as raposas no cio, brigavam ou corriam no folharal da floresta, faziam um barulho tremendo, era outro motivo para minha disparada caminho afora.

Esses fatos se repetiram muitas vezes até o clarear do dia seguinte, quando cheguei de volta à choupana onde estava minha pobre mãezinha, que, para minha infelicidade, estava pior. Ela viu-me chegar e, quando entreguei à minha irmã a carga que supunha ser a sua salvação, senti-me orgulhoso de ter feito algo em seu benefício.

Ela me puxou com os braços quentes como brasa, encostou seu rosto no meu e disse lacrimejando:

– Grilo, meu fio, tô morta. Diga à sua dindinha que tome conta de ocês e que me arrecomende a Deus, que só levo desgosto de não ver vocês crescendo.

Tentou beijar-me, não teve mais forças, apenas seus lábios quentes como brasas encostaram-se à minha face suja e suarenta de doze léguas de viagem.

Fitei o rosto de minha mãe. Estava vermelho e molhado de suas lágrimas. Colei meu rosto ao seu e adormeci em pé, curvado ligeiramente sobre sua face. Foi meu último e longo adeus à criatura que mais amei e admirei em toda a minha vida.

Minha irmã tirou-me adormecido, deitou-me no chão, perto de sua cama de varas, onde agonizava minha mãe.

Acordei no dia seguinte, estropiado, faminto e doente. Chegou meu tio Jacinto trazendo um pouco de gêneros alimentícios e mezinha para minha mãe. E trouxe com ele meu irmão Francisco, para me substituir, visto ser mais velho do que eu.

Voltei com meu tio à casa de vovó, de onde tinha saído para o sítio Goiabeira em janeiro de 1906. No caminho, meu tio chorava silenciosamente; ele sabia que minha mãe ia morrer, mas não queria dizer. Andamos três léguas sem uma conversa, mas, ao passar dentro do rio Ingá, ele falou:

- Tu te alembra deste rio, Grilo?
- Não foi dele que eu carregava água com o filho do Manoel Bispo?
- Tu te alembra do tostão que tu ganhou mode cumê pão doce?
- Me lembro, sim senhor.
- Antão me amostra o lugá onde o home e a muié apiou, tu sabe onde foi?
- Sei sim, tio; fica mais acima.

De fato, ficava mais acima e, quando chegamos ao local, mostrei-lhe o caminho que o casal seguia. Mas o que meu tio queria era distrair-se e distrair-me também. Passamos dentro da cidade de Panelas de Miranda. Já era noiteinha. Meu tio tomou uma bicada de aguardente e comprou-me um pão doce. Duas horas depois, estávamos chegando à casa de vovó; pelos cochichos entre eles e as lágrimas de vovó, sabia que se tratava de minha mãe, mas não tinha o direito de interpelá-los por ser menino. Era a lei patriarcal e matriarcal da família.

Doente e estropiado como estava, deitei-me num monte de algodão a um canto da sala, dormi a noite toda. Acordei todo mijado. Minha avó me levantou quase na marra para comer qualquer coisa, mais ou menos ao meio-dia. Quase levei umas palmadas de meu tio Evaristo por ter mijado no seu algodão. O dia seguinte era um sábado. Meu tio foi à feira vender o algodão e comprar alguma coisa para a família. De volta, trouxe a notícia do falecimento de minha mãe. A choradeira foi grande e feia. Eu não chorei alto, porque me deu uma coisa ruim na garganta, mas corriam muitas lágrimas dos meus olhos.

Com a morte de minha mãe, vovó tentou nos amparar, mas era crítica a situação. Quase nada havia para a manutenção da família. E agora, principalmente, acrescida de mais onze bocas a comer, sem trabalhar, devido ao flagelo da seca que assolava novamente toda a zona da caatinga, agreste e sertão. Deu-se a debandada. Meus irmãos espalharam-se por toda a parte. Eu, duas irmãs e dois irmãos ficamos com vovó, inclusive o caçula, que iria fazer três anos de idade. Castigados pela seca e pela fome, já sem ter o que comer, minha avó resolveu entregar meu irmão caçula a um seu compadre, para criá-lo, visto que este senhor dispunha de meios para viver e não tinha filhos. Eu gostava muito desse meu irmão. Além de novinho, era a imagem de minha mãe e meu único companheiro de brincadeiras.

Um dia chegou em casa de vovó um senhor montado a cavalo. Foi recebido cordialmente por meus tios, que conversaram sobre vários assuntos de que eu não entendia bem e também sobre a estiagem. Mas, ao despedir-se, o homem perguntou:

– Cadê a quiança?

Minha avó respondeu que estava na cozinha e indagou:

– Vai levá o minino, cumpade?

– Vim pra isso, cumade!

– Antão espere que vou vê ele.

Entrou e, quando saiu, foi puxando meu irmão pela mão e entregou-o ao compadre, que montou no cavalo, pôs meu irmãozinho na sela e partiu.

Fiquei chorando e o coração doendo de saudades. Eu não compreendia a razão do meu sofrimento. Por que outros meninos que eram pobres como eu tinham direito a seus pais, a seus irmãos, tinham mãe, e eu não tinha mãe, não tinha pai, e o irmão do qual eu mais gostava era levado embora dessa maneira? Fui para o mato. Chorei até adormecer. Acordei, voltei para casa muito triste. Meu tio Jacinto

brincou comigo, mas eu estava sem jeito, não queria brincar, lembrava-me de minha mãe, meus irmãos, só queria mesmo era chorar. E já pensava em morrer para juntar-me a minha mãe, que estava no céu, segundo minha avó.

Resolvi morrer. Subi num coqueiro dos mais altos que conhecia. Quando alcancei o olho, sentei-me em duas folhas para descansar e depois jogar-me no abismo. Mas comecei a refletir:

– Se eu me jogo lá embaixo e não morro, fico doente ou aleijado, soffro mais e, quando ficar bom, inda tomo uma surra...

Acovardei-me. Desisti da morte, mas inventei outro plano. Peguei o punhal de meu tio Evaristo, que era amolado dos dois lados e tinha, segundo ele, oito polegadas de folha; amarrei-o bem amarrado numa pitombeira e fiz carreira para espetar-me no punhal. Mas, antes de chegar ao tronco da pitombeira, vacilei e estanquei. Comecei a refletir:

– Se eu me espetar e não morrer, vou soffrer muita dor e, quando ficar bom, ninguém me livrará de uma surra. Se minha madrinha e tia estivesse viva, eu não apanharia porque me apadrinharia com ela, livrando-me da surra.

Diante dessas reflexões, desisti de morrer, mas tomei uma sova na bunda, com a bainha do facão de meu tio Evaristo, que me flagrou em plena manobra da morte e atocaiava-me, escondido numa moita perto da pitombeira.

Nunca mais tentei morrer por minhas próprias mãos, mesmo porque fui liberado para brincar com meus amiguinhos, filhos do senhor Manuel Bispo, cada vez mais amigo de vovó e de meus tios. Além disso, atribuíram-me novamente a tarefa de carregar água no lombo do meu velho Passarinho e tratá-lo como me fosse possível. Ele, cada dia mais manso e mais obediente. Em recompensa, eu fazia o possível para vê-lo sempre sadio e robusto.

Um dia, meus tios discutiram o problema da seca e da falta de água sem atinarem para uma solução futura. De repente, meu tio Evaristo, o mais vivo e o mais inteligente de todos, bradou:

– Vancês qué sabê de uma coisa?

– O que há? – perguntou-lhe tio Jacinto.

– O que há é que nói tamo cum farta di água porque ainda não tivemo corage di arretirá aquela ilha de terra que tem no lajeiro grande.

Tio José:

– Tá doido, home? Num tá vendo qui num tem sustança pra tirá aquele terrão? Aquilo é trabaio pra muita gente, e nói num dá conta.

– Nói agora tá parado, podia isprementá.

Tio Joaquim, o menos revoltado e o mais bem situado na vida (isso porque só vez por outra era atingido pela seca, mas nunca lhe faltou o líquido precioso), disse:

– Pra tirá a terra, pode. O diacho é tirá as pedra grande e interrada lá dentro.

Meu tio Manuel: